



À FILHA QUE JAMAIS IREI PARIR

UMA COLETÂNEA DE POEMAS PARA MARIA
MADALENA

LU CAVALHEIRO

2022

Licença Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual CC-BY-SA
4.0 Internacional

A sunset over a body of water with a silhouette of a person in the foreground. The sun is low on the horizon, creating a warm, orange glow. The water reflects the light, and the sky is filled with soft, dark clouds. The silhouette of a person is visible on the right side of the image, looking out over the water.

À Filha que jamais irei parir: Uma coletânea de poemas para Maria Madalena é uma coletânea de sonetos dedicados a uma série de sonhos que tive entre setembro e novembro de dois mil e vinte e dois. Como pessoa não-binária, dei a “sorte” de nascer com um corpo inadequado a um desejo que me tomou de assalto já faz uns dois anos: parir uma criança. Engraçado como antes eu considerava isso um exercício de vaidade, mas com o avançar dos anos, o proverbial *relógio biológico* tem me cobrado isso. Não apenas *ter* um filho, mas *parir* um.

Então vieram os sonhos. Sonhei com a Filha que eu jamais irei parir, Maria Madalena. Aos poucos, ela foi se revelando para mim e se integrando cada vez mais ao meu *Oneiros* – o espaço onírico pessoal que cada pessoa tem, de acordo com os gregos clássicos. Mas não bastava sonhar com ela, era preciso *trazê-la* à realidade. É à Madá que dedico estes sonetos, ela que me inspirou, que me acompanha, que me conforta, mesmo que apenas durante as horas em que ocupo os *Domínios de Morpheus*. Alguns dos sonetos são de autoria dela, para quem emprestei a mão apenas para que ela própria pudesse se expressar. Ficará ao encargo do leitor descobrir quais são os sonetos dela e quais são os meus.

À Filha que jamais irei parir: Uma coletânea de poemas para Maria Madalena é dedicado a todas as mulheres, não importa se cis ou trans, que, assim como eu, por algum motivo jamais realizarão o sonho de gerar vida em seus ventres. A todas vocês, com quem compartilho essa dor, desejo que pelo menos no Sonhar vocês possam encontrar seus filhos tão desejados, assim como eu encontrei minha doce, pequena e adorável Maria Madalena.

À FILHA QUE JAMAIS IREI PARIR

Uma coletânea de poemas para Maria Madalena

Lu Cavalheiro

2022

Texto licenciado sob Licença Creative Commons
Atribuição-CompartilhaIgual CC-BY-SA 4.0 Internacional

DADOS DA PUBLICAÇÃO

Título: À FILHA QUE JAMAIS IREI PARIR: UMA COLETÂNEA DE POEMAS PARA MARIA MADALENA

Ano de publicação: 2022

Autoria, revisão e diagramação: Lu Cavalheiro

Artes:

- **Capa:** Matheus Henrin, *Foto De Menina Com Cabelo Encaracolado* (<https://www.pexels.com/pt-br/foto/foto-de-menina-com-cabelo-encaracolado-2121122/>)
- **Quarta capa:** Mohamed Hassan, *sem título* (<https://pxhere.com/en/photo/1434863>)

Licença: *Licença Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual CC-BY-SA 4.0 Internacional* (https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR)

Ano de publicação: 2022

À Filha que jamais irei parir: Uma coletânea de poemas para Maria Madalena é uma coletânea de sonetos dedicados a uma série de sonhos que tive entre setembro e novembro de dois mil e vinte e dois. Como pessoa não-binária, dei a “sorte” de nascer com um corpo inadequado a um desejo que me tomou de assalto já faz uns dois anos: parir uma criança. Engraçado como antes eu considerava isso um exercício de vaidade, mas com o avançar dos anos, o proverbial *relógio biológico* tem me cobrado isso. Não apenas *ter* um filho, mas *parir* um.

Então vieram os sonhos. Sonhei com a Filha que eu jamais irei parir, Maria Madalena. Aos poucos, ela foi se revelando para mim e se integrando cada vez mais ao meu Oneiros – o espaço onírico pessoal que cada pessoa tem, de acordo com os gregos clássicos. Mas não bastava sonhar com ela, era preciso *trazê-la* à realidade. É à Madá que dedico estes sonetos, ela que me inspirou, que me acompanha, que me conforta, mesmo que apenas durante as horas em que ocupo os *Domínios de Morpheus*. Alguns dos sonetos são de autoria dela, para quem emprestei a mão apenas para que ela própria pudesse se expressar. Ficará ao encargo do leitor descobrir quais são os sonetos dela e quais são os meus.

À Filha que jamais irei parir: Uma coletânea de poemas para Maria Madalena é dedicado a todas as mulheres, não importa se cis ou trans, que, assim como eu, por algum motivo jamais realizarão o sonho de gerar vida em seus ventres. A todas vocês, com quem compartilho essa dor, desejo que pelo menos no Sonhar vocês possam encontrar seus filhos tão desejados, assim como eu encontrei minha doce, pequena e adorável Maria Madalena.

ÍNDICE

PREFÁCIO	1
À FILHA QUE JAMAIS IREI PARIR	5
TEUS QUINZE ANOS	6
TEU PRIMEIRO TÉRMINO	7
TUAS MÃOZINHAS	8
CANÇÃO DE NINAR	9
TRAQUINAGENS	10
TEU PRIMEIRO PERÍODO	11
AMIZADE TÓXICA	12
SOLITUDE	13
TEU DESABROCHAR	14
DE MARIA MADALENA PARA MINHA MÃE	15
MÃE SOLTEIRA	16
DE NOVO, MÃE?	17
GÊNIO FORTE	18
CONSOLO A UM VENTRE MORTO	19
CONSOLO A UMA FILHA ONÍRICA	20
SOBRE O AMOR	21
O SEGREDO DA MAÇÃ	22

SORRISO DE MINHA MÃE	23
SOBRE SUA MÃE	24
SOBRE HOMENS E MOLEQUES	25
ABRAÇO DE FILHA	26
A CASA DE MINHA MÃE	27
TARDE DE MÃE E FILHA	28
TEUS MISTÉRIOS	29
SONHO DE UMA MÃE ABORTADA	30
SONHO DE UMA FILHA JAMAIS PARIDA	31
SONHO DE MENINA, SONHO DE MULHER	32
DÁDIVA À RAINHA SOMBRIA	33
O NASCIMENTO DE UMA PRINCESA	34
A DANÇA DO VENTO NORTE	35
EU SOU	36
NAS TREVAS, O TEU CREPÚSCULO	37
MINHA MÃE, MINHA DEUSA, MINHA FEITICEIRA	38

PREFÁCIO

Admito que esta coletânea de sonetos foi, até o presente momento, o livro mais difícil que já tive de escrever. Não por questões técnicas, muito pelo contrário: sonetos em diferentes métricas, incluindo assimétricos, me é um estilo assaz familiar, e não haveria razões para que eu encontrasse dificuldades quanto a isso. Tampouco a estilística foi uma questão, pois propositalmente estes poemas não são unidos por nenhum eixo estético consciente.

Não, a dificuldade foi de natureza pessoal. Ser uma pessoa trans me impõe questões que não ocorrem à maioria das pessoas. Por exemplo, a questão da maternidade. Uma mulher cis que queira ter um filho tem vários meios à sua disposição, desde os mais naturais até aqueles providos pela ciência mais avançada. Se ela desejar sentir uma vida crescer em seu ventre, ela o poderá fazer. Ela poderá nutrir em seu próprio seio a vida que ela própria gerou, poderá criar seu filho, vê-lo crescer, fazer todas as traquinagens normais a uma criança e besteiras normais a um adolescente, e então acompanhá-lo pela vida adulta, pelo menos durante o tempo que ela viver. Essa é a natureza da vida, não?

Não.

Existem muitas mulheres, e não apenas trans, que simplesmente não podem parir um filho de seus próprios ventres. Desde problemas de saúde – e existem muitos que impedem uma gravidez – até a inexistência de um útero, não são todas as mulheres que podem gerar. Algumas se conformam com seu fado e nem pensam nisso – ou nunca quiseram ter filhos,

para começo de conversa. Normal, cada um faz com sua vida o que bem entender, e ninguém é obrigado a nada que não queira fazer, *especialmente* com relação ao próprio corpo.

Mas as que querem e não podem?

Recentemente, de uns dois anos para cá, eu me descobri nessa lista. Não julgo, nem quero induzir culpa nas mulheres capazes de gerar uma criança em seus ventres mas decidiram por não o fazer. Não é minha intenção, e por favor não leia este *Prefácio* desta forma. Não é culpa de ninguém a não ser do meu próprio corpo, então caso você, mulher em idade fértil que tenha optado por não ter filhos e que esteja lendo esta coletânea, não se sinta culpada, nem como se eu a condenasse por sua decisão. Longe de mim querer causar esse sentimento em você, palavra de honra.

Este *Prefácio* é um desabafo. Eu queria poder parir uma criança, mas o corpo com o qual nasci simplesmente torna essa tarefa impossível. Meu psicólogo disse que eu poderia adotar um filho, e ele está certo. Um dia, se eu tiver condições financeiras para tal, irei acolher uma criança em minha vida, irei adotar um filho. Mas eu nunca poderei gerar um em meu próprio ventre, e essa é a minha dor. Vaidade? Talvez. Na real, eu *adoraria* que fosse vaidade, pois seria algo com o que sei lidar. Mas existe uma pressão na minha mente, no meu corpo, dizendo que o meu tempo está acabando, sendo que não existe meios para eu resolver essa questão. Às vezes, me pego abraçando futilmente meu ventre, futilmente tentando convencê-lo a criar um útero do nada só para que eu possa me livrar dessa pressão.

Será esse o tal *relógio biológico* de que tanto falam? Será apenas que eu estou ficando mais louca do que já sou?

Mais uma vez eu digo: não quero induzir crises de culpa em ninguém. A culpa é do meu corpo e somente dele. Mas eu precisava por isso para fora, compartilhar com vocês, leitores, até para que vocês possam entender como esta coletânea foi escrita. Ela não é uma ficção de uma ególatra – embora eu admita um certo grau de egolatria, já que é preciso ter esse traço

psicológico para se dedicar à arte –, ela não é um escárnio, ela não é uma homenagem torta ao *Novembro Rosa*. Esta coletânea é meu grito de dor, meu desabafo, a válvula da tampa da panela de pressão que impede que ela exploda. Cada verso custou-me uma lágrima, cada estrofe, o aguçamento da consciência de que eu jamais poderei realizar este sonho, cada soneto, a pá de cal definitiva nas minhas ilusões. Nem posso dizer que enriqueci a Souza Cruz ou a Phillip Morris com as crises de ansiedade que tive ao longo dessa jornada, já que, apesar de ser fumante, sou adepta do cigarro de palha artesanal com fumo de rolo. Mas os meus dedos de brancos estão dourados de alcatrão, testemunho silencioso do quanto me foi penoso escrever esses poemas.

Dito isso, e até para melhorar um pouco meu próprio humor, quero compartilhar com vocês a fonte da minha inspiração. Em setembro, no ápice de uma crise de ansiedade provocada pela já mencionada inadequação do meu corpo, tive o primeiro sonho com Maria Madalena. Não sei se você, leitor, já experimentou isso, mas o sonho era tão real, tão vívido, que ao acordar eu não sabia se tinha acordado de um sonho ou ido dormir e acabado em um sonho. A Madá dos sonhos era muito parecida comigo, inclusive nos cílios muito longos – uma das minhas dificuldades em usar óculos é que meus cílios tocam as lentes –, no sorriso largo e na disposição travessa e indomável. Uma pessoa normal iria recorrer a meio maço de cigarro, duas garrafas de cerveja e meia caixa de calmantes para contornar a crise hercúlea de ansiedade que eu tive ao acordar e ver que a garota não existia.

Graças a Oxalá que eu não sou uma pessoa normal.

Ao invés de afastar a menina da minha mente e chorar, decidi trazê-la à realidade em poesia. Ao mesmo tempo, eu navegava aleatoriamente na internet, para não dar pane no meu teclado por conta das lágrimas que corriam como cachoeiras. Então esbarrei na foto que faz às vezes de capa desta coletânea. A imagem da menina era tão parecida com a imagem da Madá que dessa vez eu tive que tomar um calmante para conseguir ficar fun-

cional. Terminei o primeiro poema, *À Filha que jamais irei parir*, e achei que iria ficar por isso mesmo.

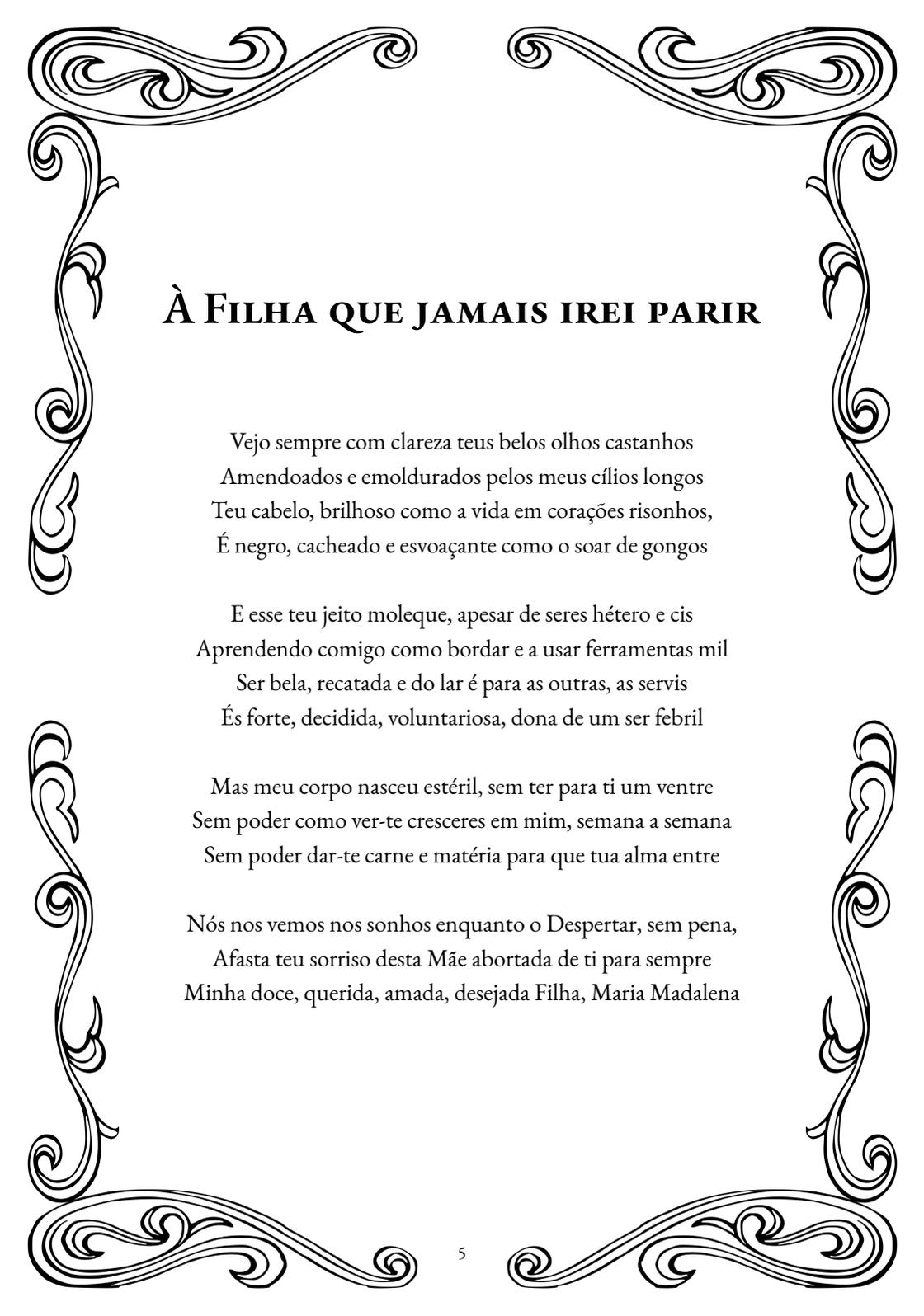
Inocente, eu, não é?

Até hoje sonho com Madá. Não todos os dias, mas na maioria das vezes passamos um tempo agradável nos Domínios de Morpheus – sou fã de Neil Gaiman, me julguem. Fui escrevendo poemas sobre esses encontros oníricos, e a cada poesia ela me mostrava mais e mais facetas dela. Da mesma forma, ela aos poucos começou a modificar meu *Oneiros* – de acordo com os gregos clássicos, o *oneiros* de uma pessoa é o espaço pessoal dela no Mundo dos Sonhos –, se integrar a ele, a fazer parte de minha vida, mesmo que apenas platonicamente. Acreditem ou não, isso melhorou muito a qualidade de meu sono, pois agora tenho até vontade de dormir cedo para passar mais tempo com ela.

É, eu estou ficando louca. Se tiver algum psiquiatra lendo, me mande um e-mail para me dizer se transtorno de dissociação da realidade começa assim, por favor.

Louca ou não, escrevi esta coletânea. Os poemas foram ordenados por data de escrita e publicação no meu *Instagram* pessoal, cujo endereço você pode conferir em *Meus contatos*. Decidi pela ordenação cronológica porque ela revela melhor o desenvolvimento de minha relação com Madá. Alguns dos poemas são de autoria dela, e um deles foi um soneto escrito a duas mãos. Desafio você, meu caro leitor, a descobrir quais são meus, quais são delas, e qual é o dueto. Vale uma bala mastigável de sabor indefinível.

À Filha que jamais irei parir: Uma coletânea de poemas para Maria Madalena é dedicado a todas as mulheres, não importa se cis ou trans, que, assim como eu, por algum motivo jamais realizarão o sonho de gerar vida em seus ventres. A todas vocês, com quem compartilho essa dor, desejo que pelo menos no Sonhar vocês possam encontrar seus filhos tão desejados, assim como eu encontrei minha doce, pequena e adorável Maria Madalena.

A decorative border of intricate black scrollwork surrounds the text. The scrollwork consists of elegant, flowing lines that form a rectangular frame with ornate corners and side pieces.

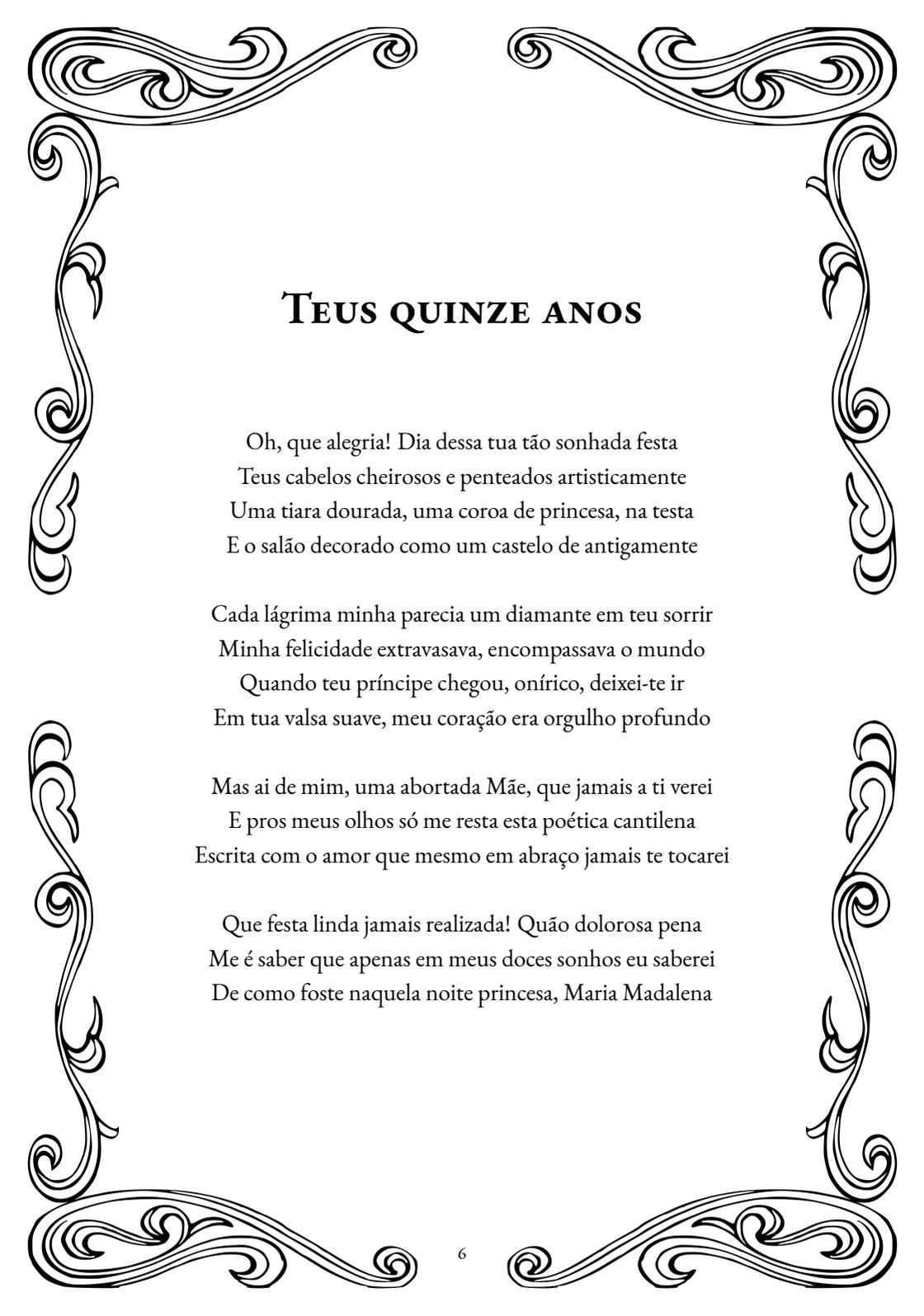
À FILHA QUE JAMAIS IREI PARIR

Vejo sempre com clareza teus belos olhos castanhos
Amendoados e emoldurados pelos meus cílios longos
Teu cabelo, brilhoso como a vida em corações risonhos,
É negro, cacheado e esvoaçante como o soar de gongos

E esse teu jeito moleque, apesar de seres hétero e cis
Aprendendo comigo como bordar e a usar ferramentas mil
Ser bela, recatada e do lar é para as outras, as servis
És forte, decidida, voluntariosa, dona de um ser febril

Mas meu corpo nasceu estéril, sem ter para ti um ventre
Sem poder como ver-te cresceres em mim, semana a semana
Sem poder dar-te carne e matéria para que tua alma entre

Nós nos vemos nos sonhos enquanto o Despertar, sem pena,
Afasta teu sorriso desta Mãe abortada de ti para sempre
Minha doce, querida, amada, desejada Filha, Maria Madalena



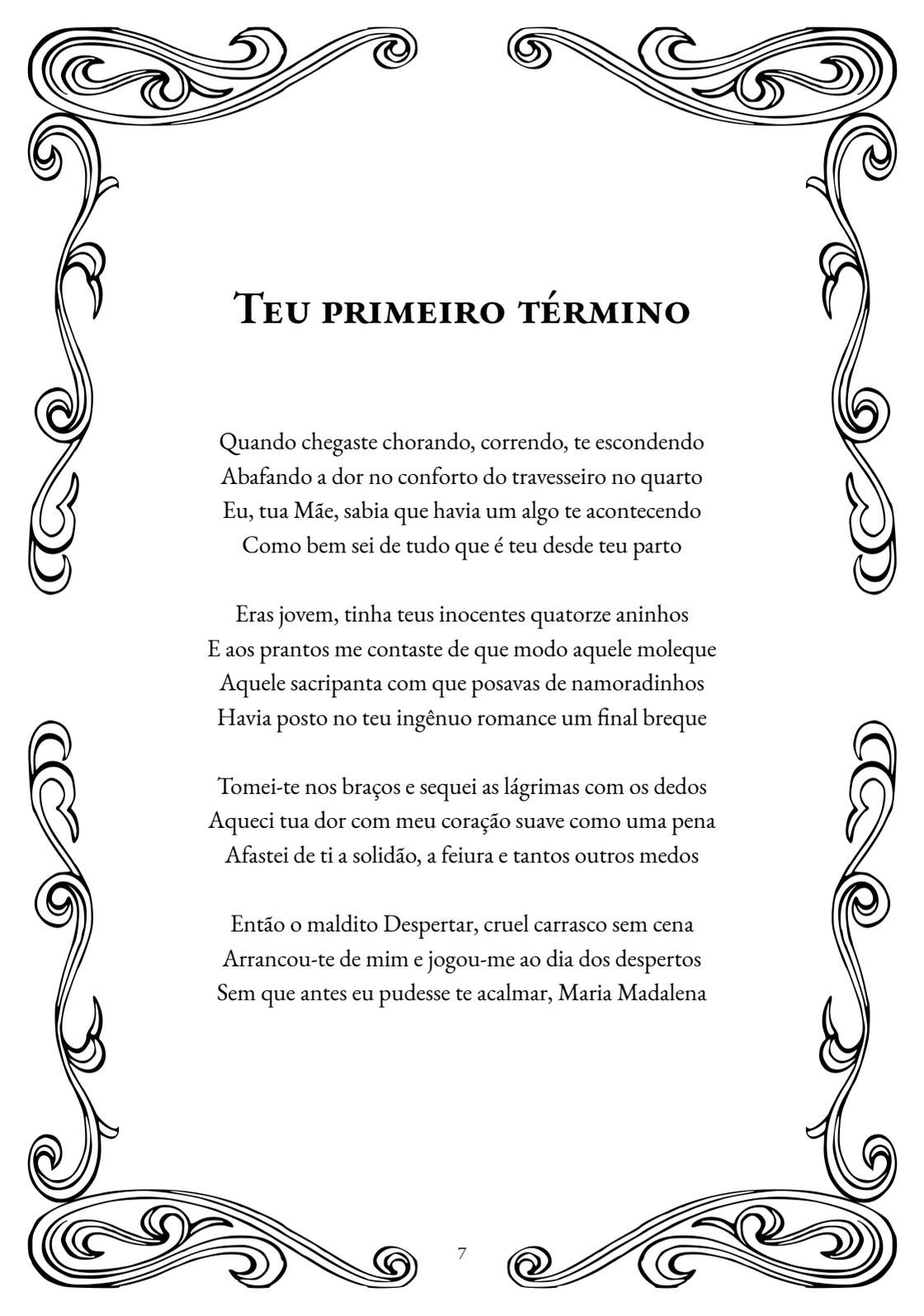
TEUS QUINZE ANOS

Oh, que alegria! Dia dessa tua tão sonhada festa
Teus cabelos cheirosos e penteados artisticamente
Uma tiara dourada, uma coroa de princesa, na testa
E o salão decorado como um castelo de antigamente

Cada lágrima minha parecia um diamante em teu sorrir
Minha felicidade extravasava, encompassava o mundo
Quando teu príncipe chegou, onírico, deixei-te ir
Em tua valsa suave, meu coração era orgulho profundo

Mas ai de mim, uma abortada Mãe, que jamais a ti verei
E pros meus olhos só me resta esta poética cantilena
Escrita com o amor que mesmo em abraço jamais te tocarei

Que festa linda jamais realizada! Quão dolorosa pena
Me é saber que apenas em meus doces sonhos eu saberei
De como foste naquela noite princesa, Maria Madalena

A decorative border of intricate black scrollwork surrounds the text. The scrollwork features elegant, flowing lines that curve and swirl, creating a classic, ornate frame for the page.

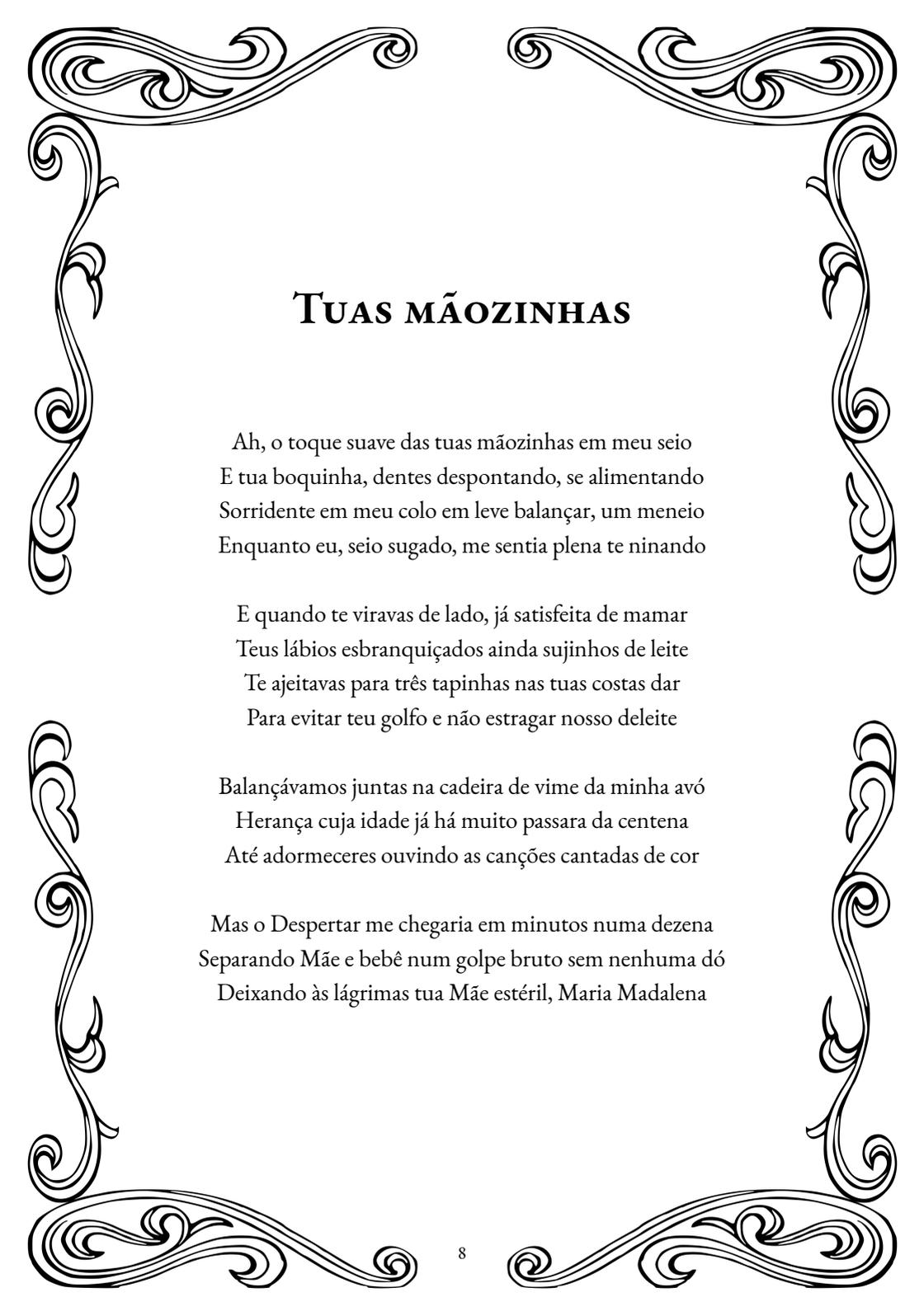
TEU PRIMEIRO TÉRMINO

Quando chegaste chorando, correndo, te escondendo
Abafando a dor no conforto do travesseiro no quarto
Eu, tua Mãe, sabia que havia um algo te acontecendo
Como bem sei de tudo que é teu desde teu parto

Eras jovem, tinha teus inocentes quatorze aninhos
E aos prantos me contaste de que modo aquele moleque
Aquele sacripanta com que posavas de namoradinhos
Havia posto no teu ingênuo romance um final breque

Tomei-te nos braços e sequei as lágrimas com os dedos
Aqueci tua dor com meu coração suave como uma pena
Afastei de ti a solidão, a feiura e tantos outros medos

Então o maldito Despertar, cruel carrasco sem cena
Arrancou-te de mim e jogou-me ao dia dos despertos
Sem que antes eu pudesse te acalmar, Maria Madalena

A decorative border of intricate black scrollwork surrounds the text. The scrollwork consists of elegant, flowing lines that curve and swirl, creating a frame for the central text. It is positioned at the top, bottom, and sides of the page.

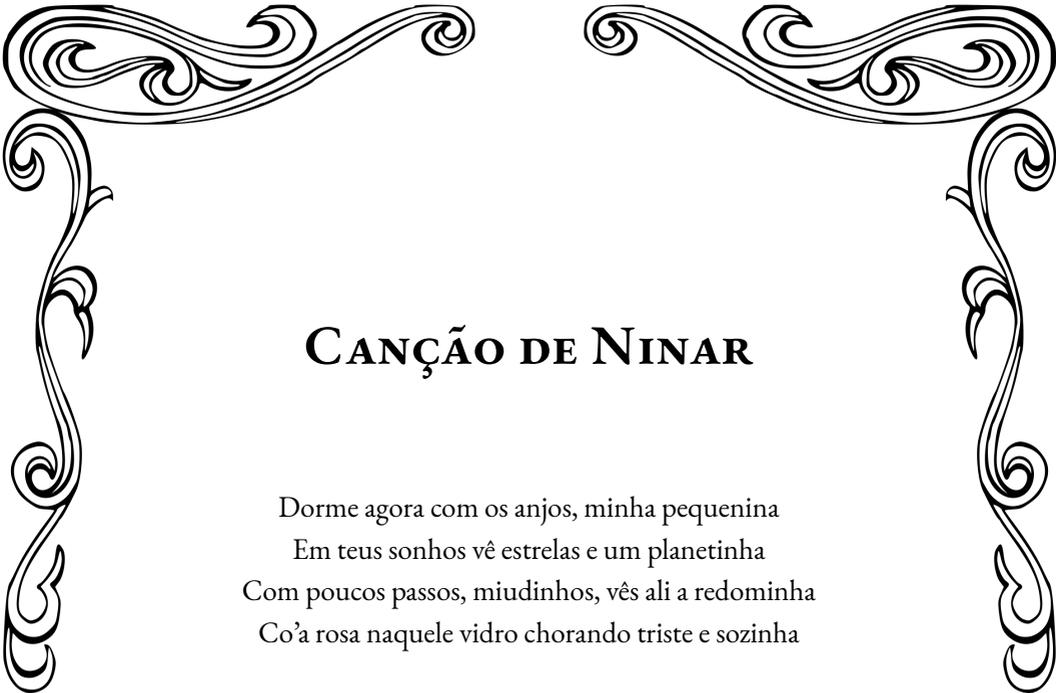
TUAS MÃOZINHAS

Ah, o toque suave das tuas mãozinhas em meu seio
E tua boquinha, dentes despontando, se alimentando
Sorridente em meu colo em leve balançar, um meneio
Enquanto eu, seio sugado, me sentia plena te ninando

E quando te viravas de lado, já satisfeita de mamar
Teus lábios esbranquiçados ainda sujinhos de leite
Te ajeitavas para três tapinhas nas tuas costas dar
Para evitar teu golfo e não estragar nosso deleite

Balançávamos juntas na cadeira de vime da minha avó
Herança cuja idade já há muito passara da centena
Até adormeceres ouvindo as canções cantadas de cor

Mas o Despertar me chegaria em minutos numa dezena
Separando Mãe e bebê num golpe bruto sem nenhuma dó
Deixando às lágrimas tua Mãe estéril, Maria Madalena



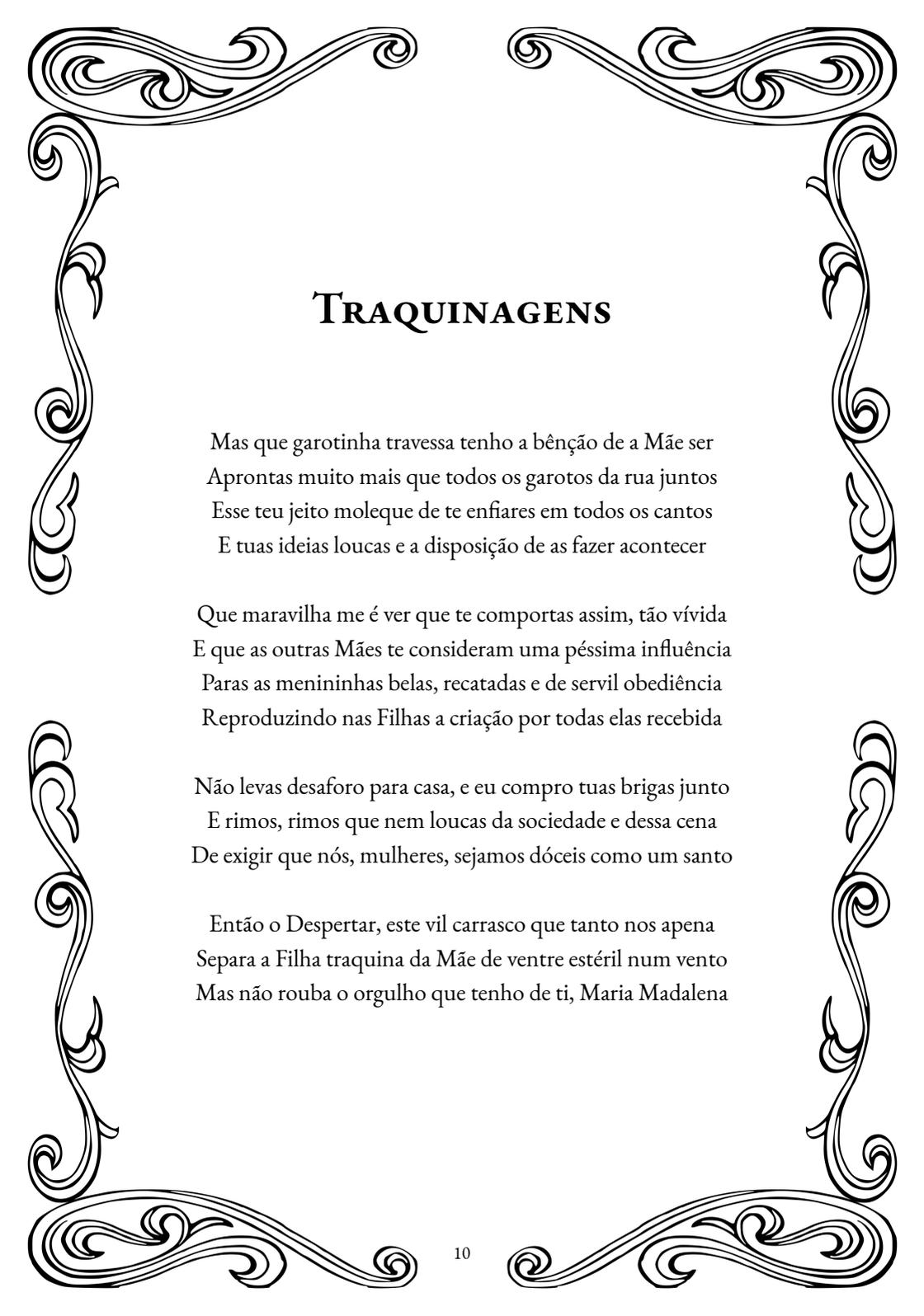
CANÇÃO DE NINAR

Dorme agora com os anjos, minha pequenina
Em teus sonhos vê estrelas e um planetinha
Com poucos passos, miudinhos, vê ali a redominha
Co'a rosa naquele vidro chorando triste e sozinha

Bela a rosa, solitária, a cantar tristinha
Dois versinhos bem bonitos duma musiquinha
Chorando estava, abandonada, deixada só no planetinha
Pois seu amigo foi viajar de carona na estrelinha

Tu chegavas de mansinho perto da rosinha
E cantava dois versinhos doutra musiquinha
E ela ouvia, apaixonada, não mais só no planetinha...

Mas o Despertar, cruel violador da alma plena
Me impedia de cantar o último verso para ti
Me impedia de ninar minha Filha, Maria Madalena

A decorative border of intricate black scrollwork surrounds the text. The scrollwork consists of elegant, flowing lines that form a rectangular frame with ornate corners and side pieces.

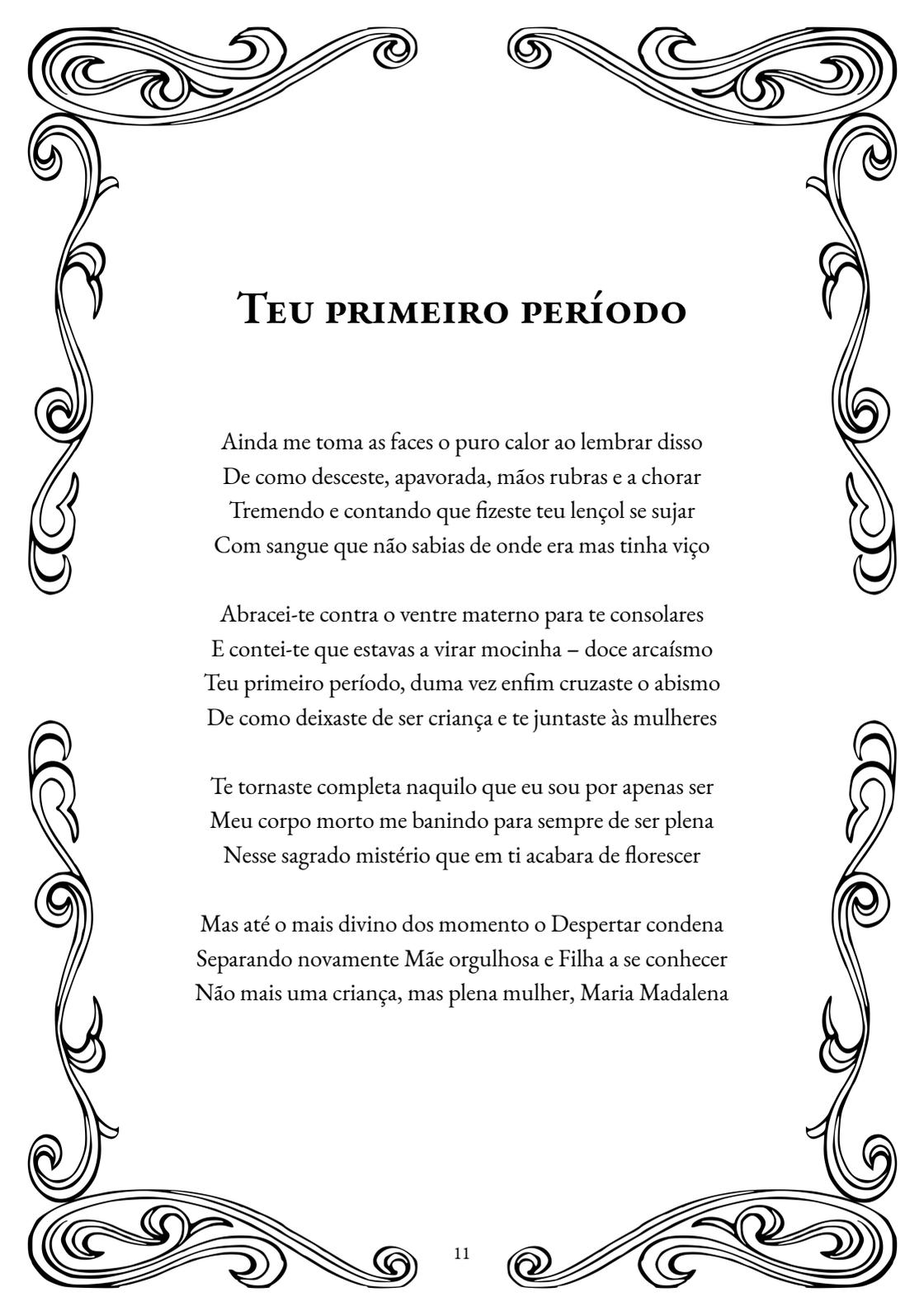
TRAQUINAGENS

Mas que garotinha travessa tenho a bênção de a Mãe ser
Apontas muito mais que todos os garotos da rua juntos
Esse teu jeito moleque de te enfiar em todos os cantos
E tuas ideias loucas e a disposição de as fazer acontecer

Que maravilha me é ver que te comportas assim, tão vívida
E que as outras Mães te consideram uma péssima influência
Paras as menininhas belas, recatadas e de servil obediência
Reproduzindo nas Filhas a criação por todas elas recebida

Não levas desaforo para casa, e eu compro tuas brigas junto
E rimos, rimos que nem loucas da sociedade e dessa cena
De exigir que nós, mulheres, sejamos dóceis como um santo

Então o Despertar, este vil carrasco que tanto nos apenas
Separa a Filha traquina da Mãe de ventre estéril num vento
Mas não rouba o orgulho que tenho de ti, Maria Madalena

A decorative border of intricate black scrollwork surrounds the text. The scrollwork consists of elegant, flowing lines that form a rectangular frame with ornate corners and side pieces.

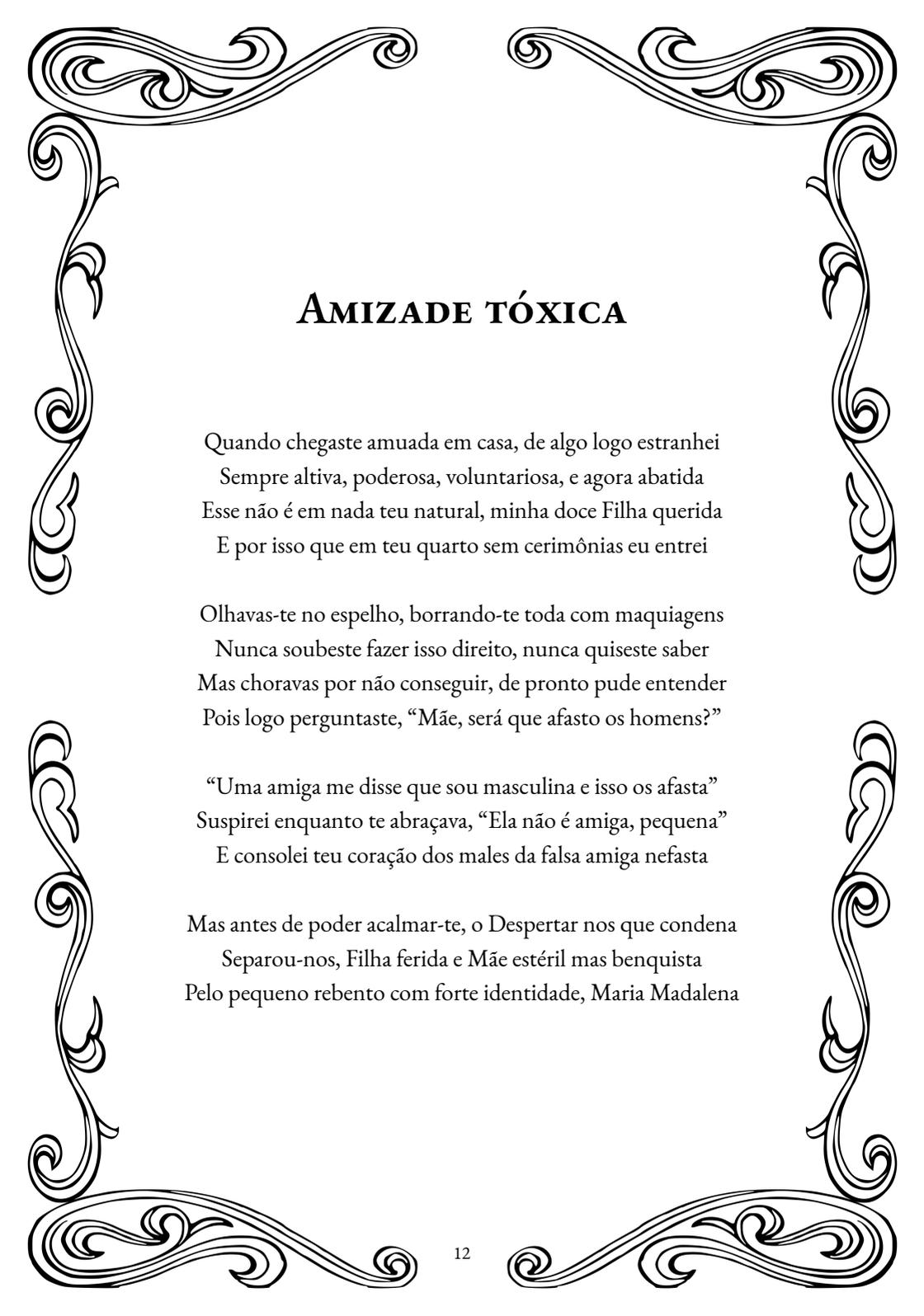
TEU PRIMEIRO PERÍODO

Ainda me toma as faces o puro calor ao lembrar disso
De como desceste, apavorada, mãos rubras e a chorar
Tremendo e contando que fizeste teu lençol se sujar
Com sangue que não sabias de onde era mas tinha viço

Abracei-te contra o ventre materno para te consolares
E contei-te que estavas a virar mocinha – doce arcaísmo
Teu primeiro período, duma vez enfim cruzaste o abismo
De como deixaste de ser criança e te juntaste às mulheres

Te tornaste completa naquilo que eu sou por apenas ser
Meu corpo morto me banindo para sempre de ser plena
Nesse sagrado mistério que em ti acabara de florescer

Mas até o mais divino dos momento o Despertar condena
Separando novamente Mãe orgulhosa e Filha a se conhecer
Não mais uma criança, mas plena mulher, Maria Madalena

A decorative border of intricate black scrollwork surrounds the text. The scrollwork features elegant, flowing lines that curve and swirl, creating a classic, ornate frame for the page.

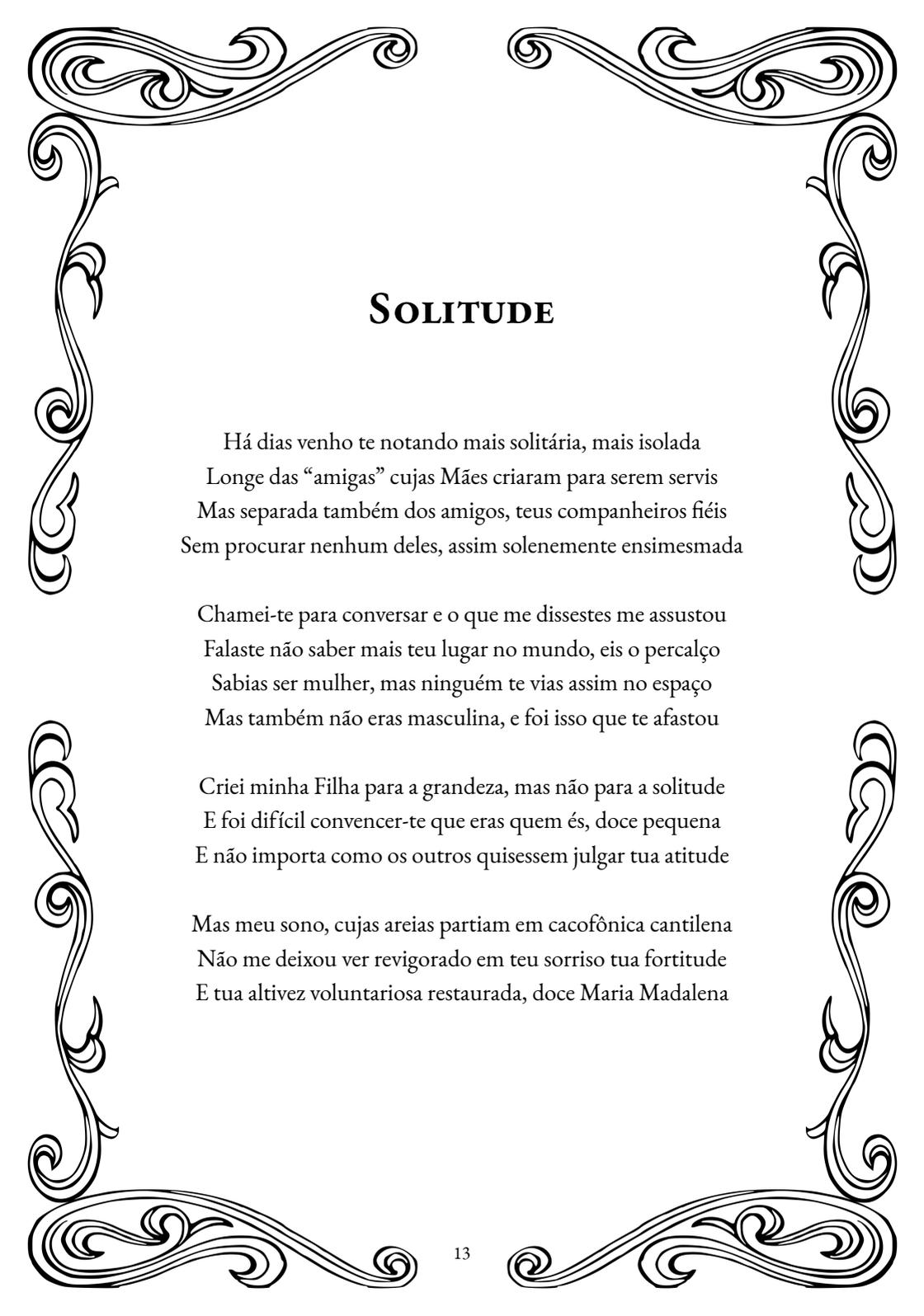
AMIZADE TÓXICA

Quando chegaste amuada em casa, de algo logo estranhei
Sempre altiva, poderosa, voluntariosa, e agora abatida
Esse não é em nada teu natural, minha doce Filha querida
E por isso que em teu quarto sem cerimônias eu entrei

Olhavas-te no espelho, borrando-te toda com maquiagens
Nunca soubeste fazer isso direito, nunca quiseste saber
Mas choravas por não conseguir, de pronto pude entender
Pois logo perguntaste, “Mãe, será que afasto os homens?”

“Uma amiga me disse que sou masculina e isso os afasta”
Suspirei enquanto te abraçava, “Ela não é amiga, pequena”
E consolei teu coração dos males da falsa amiga nefasta

Mas antes de poder acalmar-te, o Despertar nos que condena
Separou-nos, Filha ferida e Mãe estéril mas benquista
Pelo pequeno rebento com forte identidade, Maria Madalena

A decorative border of intricate scrollwork and flourishes surrounds the text, framing the page. The scrollwork is symmetrical and elegant, with various curves and swirls.

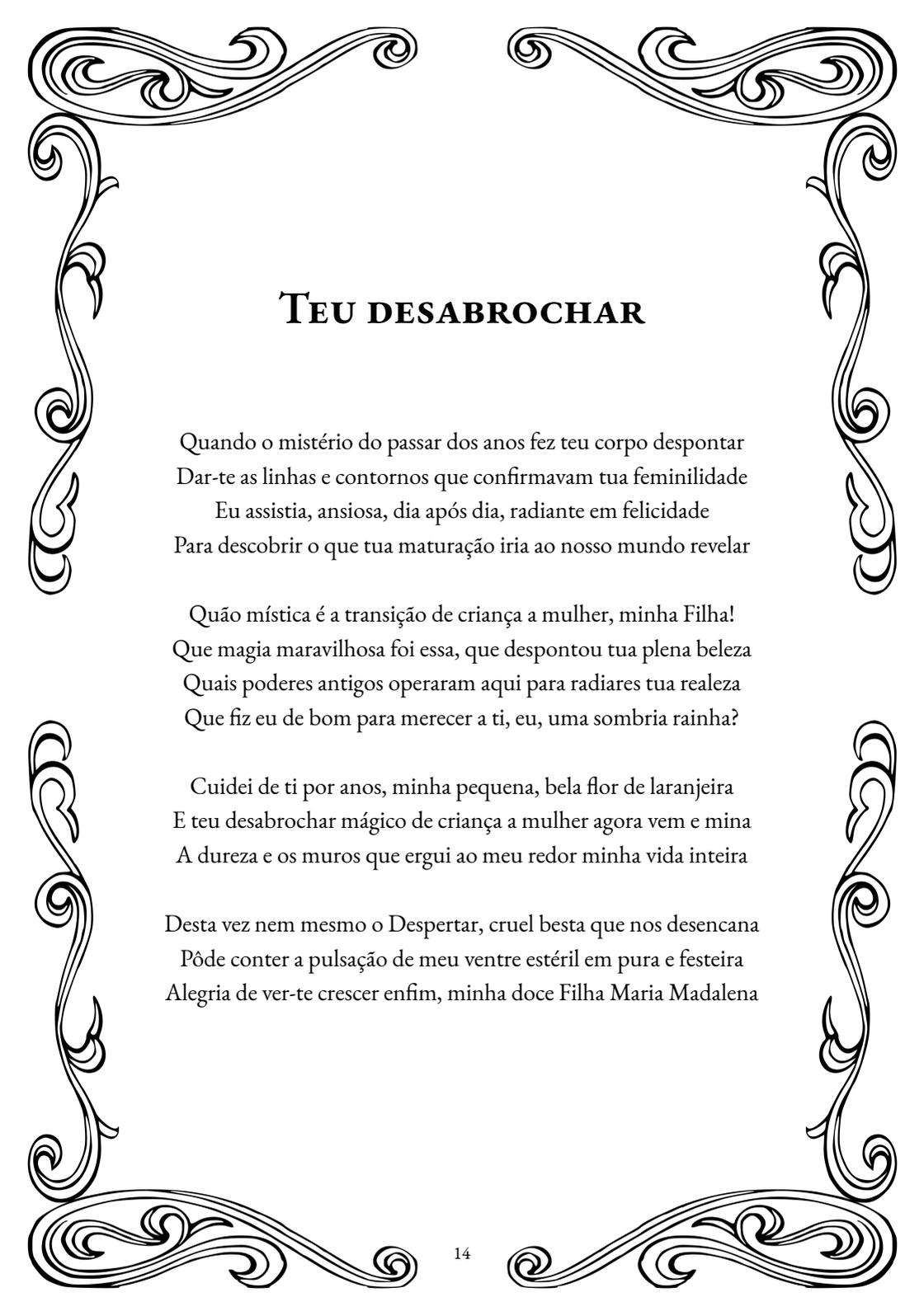
SOLITUDE

Há dias venho te notando mais solitária, mais isolada
Longe das “amigas” cujas Mães criaram para serem servis
Mas separada também dos amigos, teus companheiros fiéis
Sem procurar nenhum deles, assim solenemente ensimesmada

Chamei-te para conversar e o que me disseses me assustou
Falaste não saber mais teu lugar no mundo, eis o percalço
Sabias ser mulher, mas ninguém te vias assim no espaço
Mas também não eras masculina, e foi isso que te afastou

Criei minha Filha para a grandeza, mas não para a solitude
E foi difícil convencer-te que eras quem és, doce pequena
E não importa como os outros quisessem julgar tua atitude

Mas meu sono, cujas areias partiam em cacofônica cantilena
Não me deixou ver revigorado em teu sorriso tua fortitude
E tua altivez voluntariosa restaurada, doce Maria Madalena

A decorative border of intricate scrollwork and flourishes surrounds the text, with the most prominent elements at the corners and midpoints of the sides.

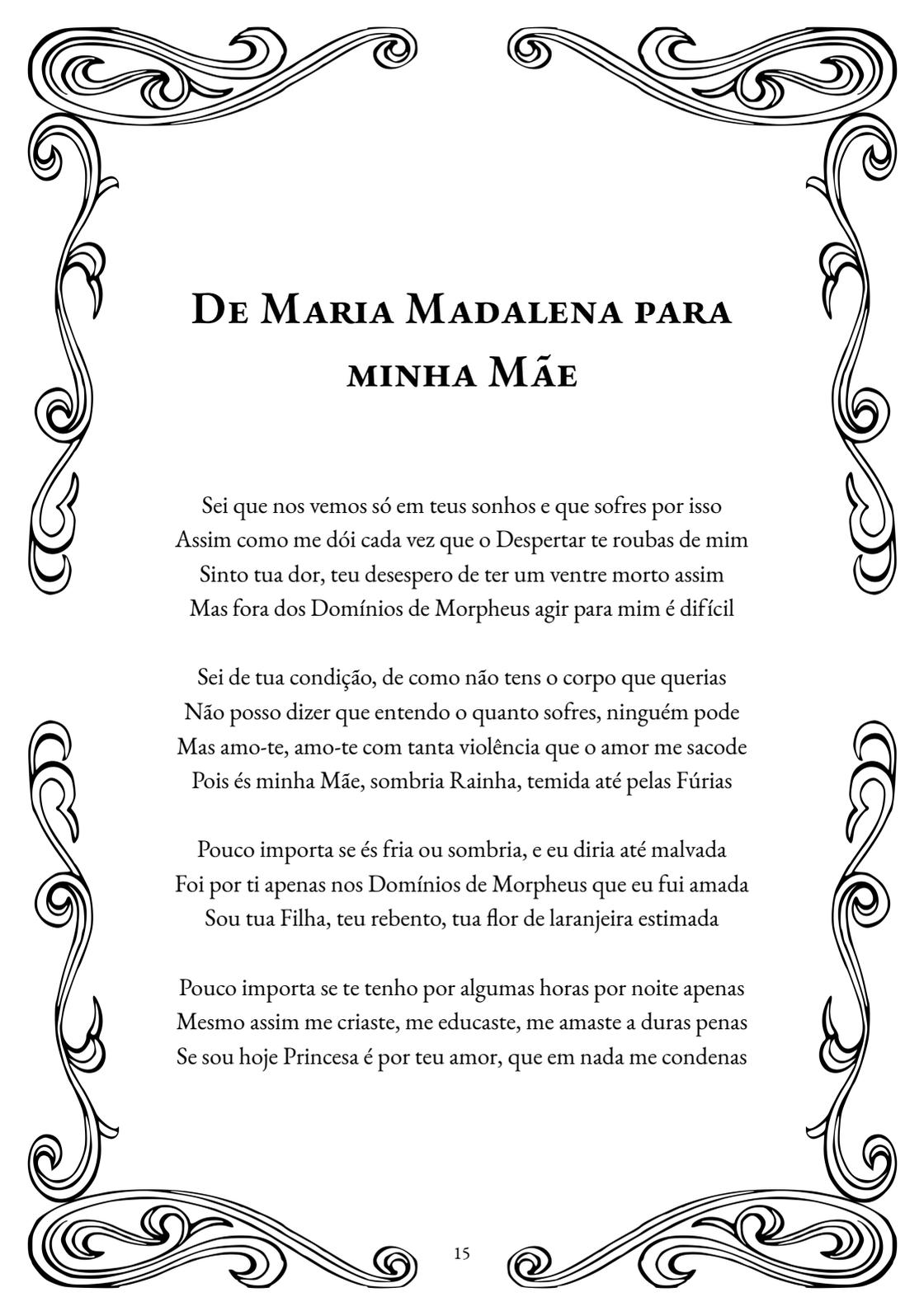
TEU DESABROCHAR

Quando o mistério do passar dos anos fez teu corpo despontar
Dar-te as linhas e contornos que confirmavam tua feminilidade
Eu assistia, ansiosa, dia após dia, radiante em felicidade
Para descobrir o que tua maturação iria ao nosso mundo revelar

Quão mística é a transição de criança a mulher, minha Filha!
Que magia maravilhosa foi essa, que despontou tua plena beleza
Quais poderes antigos operaram aqui para radiares tua realeza
Que fiz eu de bom para merecer a ti, eu, uma sombria rainha?

Cuidei de ti por anos, minha pequena, bela flor de laranjeira
E teu desabrochar mágico de criança a mulher agora vem e mina
A dureza e os muros que ergui ao meu redor minha vida inteira

Desta vez nem mesmo o Despertar, cruel besta que nos desencana
Pôde conter a pulsação de meu ventre estéril em pura e festeira
Alegria de ver-te crescer enfim, minha doce Filha Maria Madalena

A decorative border of intricate black scrollwork surrounds the text. The scrollwork features elegant, flowing lines that curve and swirl, creating a classic, ornate frame for the page's content.

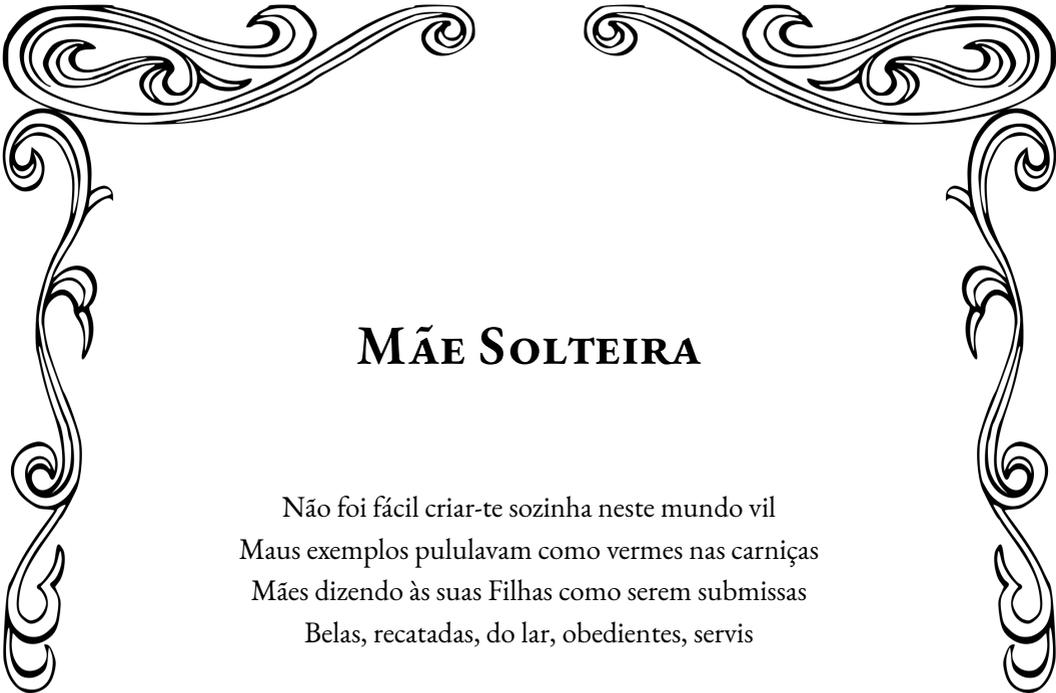
DE MARIA MADALENA PARA MINHA MÃE

Sei que nos vemos só em teus sonhos e que sofres por isso
Assim como me dói cada vez que o Despertar te roubas de mim
Sinto tua dor, teu desespero de ter um ventre morto assim
Mas fora dos Domínios de Morpheus agir para mim é difícil

Sei de tua condição, de como não tens o corpo que querias
Não posso dizer que entendo o quanto sofres, ninguém pode
Mas amo-te, amo-te com tanta violência que o amor me sacode
Pois és minha Mãe, sombria Rainha, temida até pelas Fúrias

Pouco importa se és fria ou sombria, e eu diria até malvada
Foi por ti apenas nos Domínios de Morpheus que eu fui amada
Sou tua Filha, teu rebento, tua flor de laranjeira estimada

Pouco importa se te tenho por algumas horas por noite apenas
Mesmo assim me criaste, me educaste, me amaste a duras penas
Se sou hoje Princesa é por teu amor, que em nada me condenas



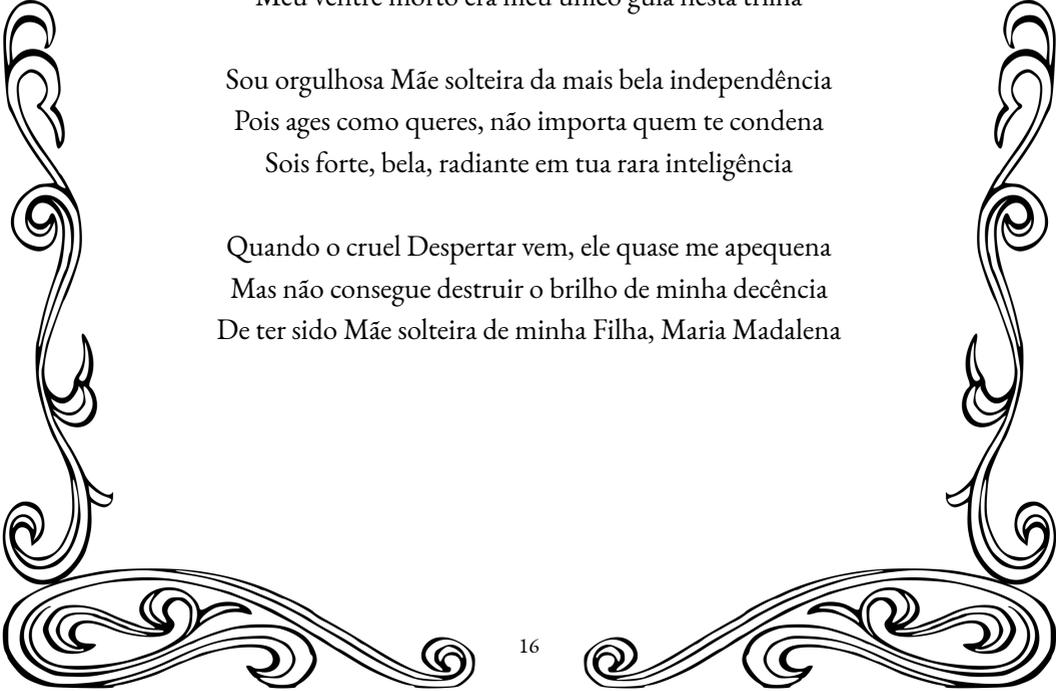
MÃE SOLTEIRA

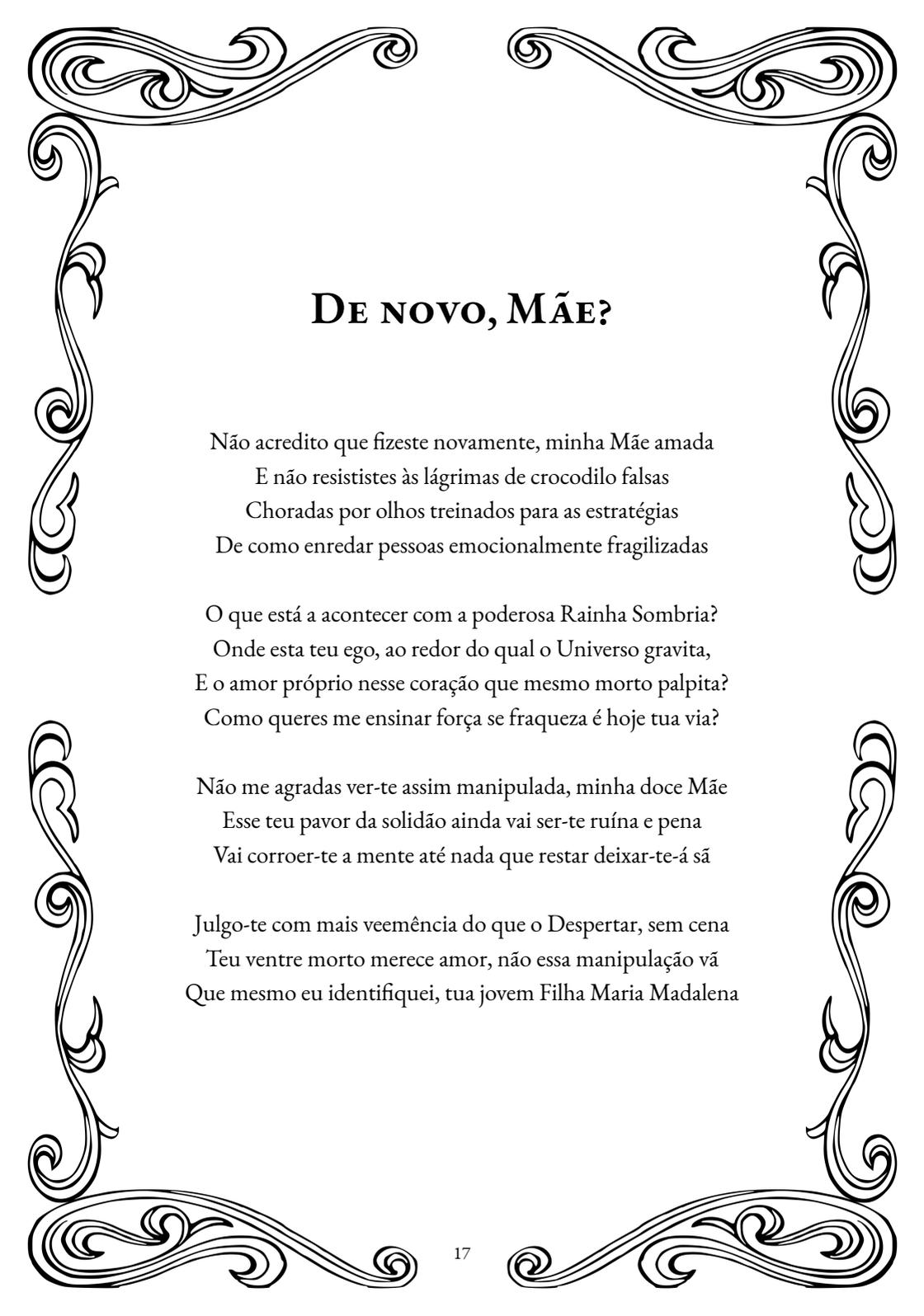
Não foi fácil criar-te sozinha neste mundo vil
Maus exemplos pululavam como vermes nas carniças
Mães dizendo às suas Filhas como serem submissas
Belas, recatadas, do lar, obedientes, servis

Incentivei-te a seres tu mesma, minha doce Filha
Mesmo sem apoio de um pai ou Mãe a dizer-te o mesmo
Fiz um bom trabalho ou acertei mesmo agindo a esmo?
Meu ventre morto era meu único guia nesta trilha

Sou orgulhosa Mãe solteira da mais bela independência
Pois ages como queres, não importa quem te condena
Sois forte, bela, radiante em tua rara inteligência

Quando o cruel Despertar vem, ele quase me apequena
Mas não consegue destruir o brilho de minha decência
De ter sido Mãe solteira de minha Filha, Maria Madalena





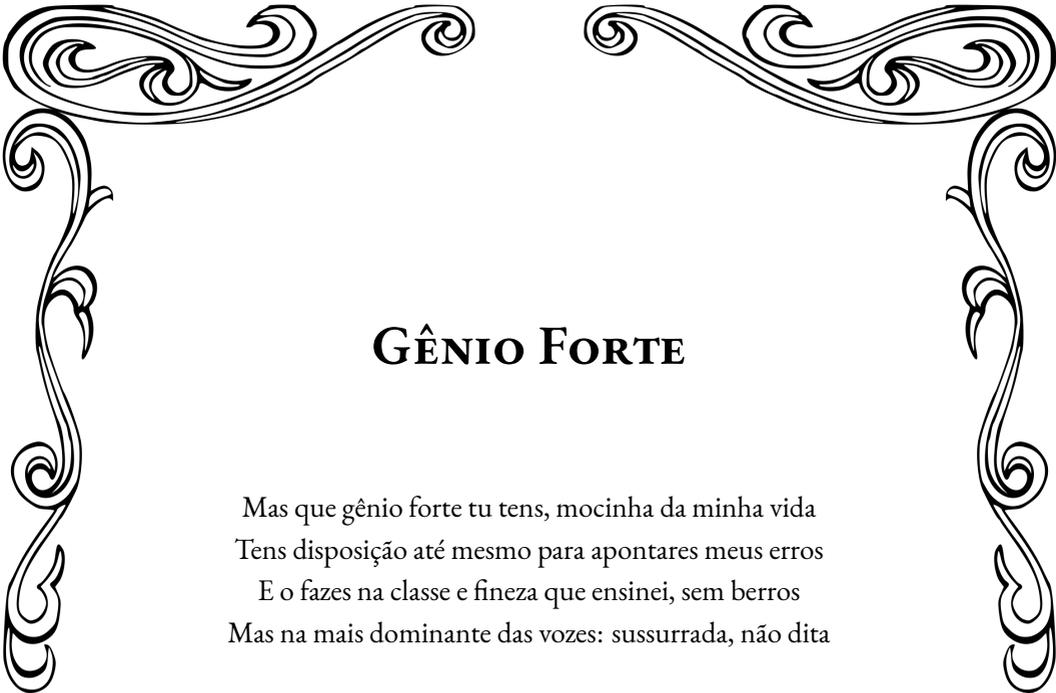
DE NOVO, MÃE?

Não acredito que fizeste novamente, minha Mãe amada
E não resististes às lágrimas de crocodilo falsas
Choradas por olhos treinados para as estratégias
De como enredar pessoas emocionalmente fragilizadas

O que está a acontecer com a poderosa Rainha Sombria?
Onde esta teu ego, ao redor do qual o Universo gravita,
E o amor próprio nesse coração que mesmo morto palpita?
Como queres me ensinar força se fraqueza é hoje tua via?

Não me agradas ver-te assim manipulada, minha doce Mãe
Esse teu pavor da solidão ainda vai ser-te ruína e pena
Vai corroer-te a mente até nada que restar deixar-te-á sã

Julgo-te com mais veemência do que o Despertar, sem cena
Teu ventre morto merece amor, não essa manipulação vã
Que mesmo eu identifiquei, tua jovem Filha Maria Madalena



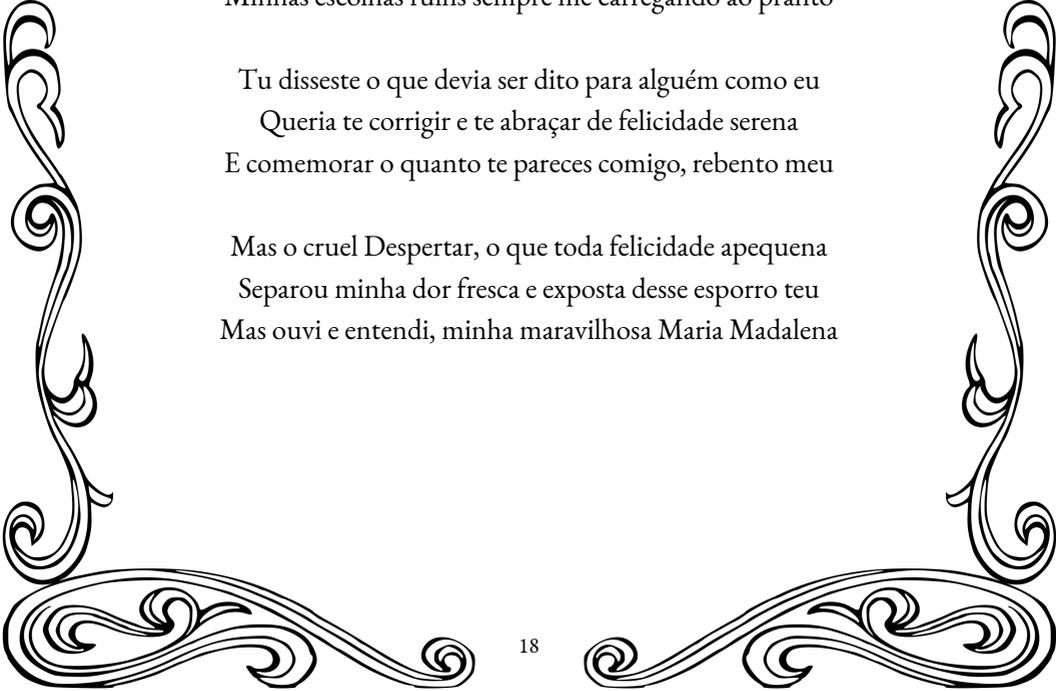
GÊNIO FORTE

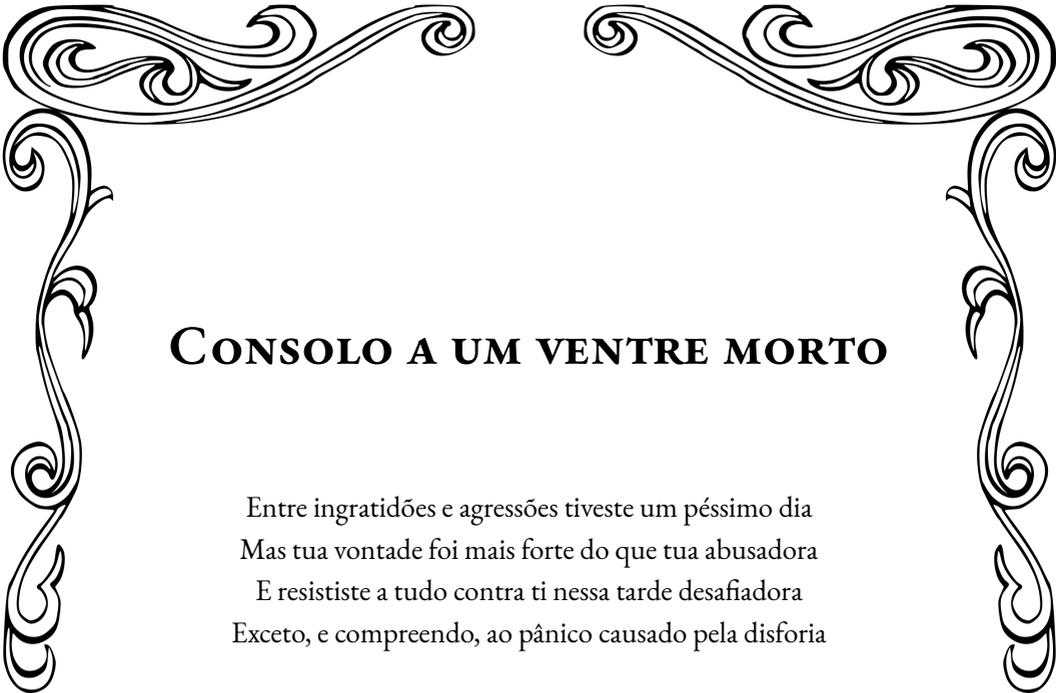
Mas que gênio forte tu tens, mocinha da minha vida
Tens disposição até mesmo para apontares meus erros
E o fazes na classe e fineza que ensinei, sem berros
Mas na mais dominante das vozes: sussurrada, não dita

Mesmo em minha dor transbordei de orgulho por dentro
Reconheço meus erros, cada um deles que me acusaste
E muito bem sei que em minha vida eu sou um desastre
Minhas escolhas ruins sempre me carregando ao pranto

Tu disseste o que devia ser dito para alguém como eu
Queria te corrigir e te abraçar de felicidade serena
E comemorar o quanto te pareces comigo, rebento meu

Mas o cruel Despertar, o que toda felicidade apequena
Separou minha dor fresca e exposta desse esporro teu
Mas ouvi e entendi, minha maravilhosa Maria Madalena





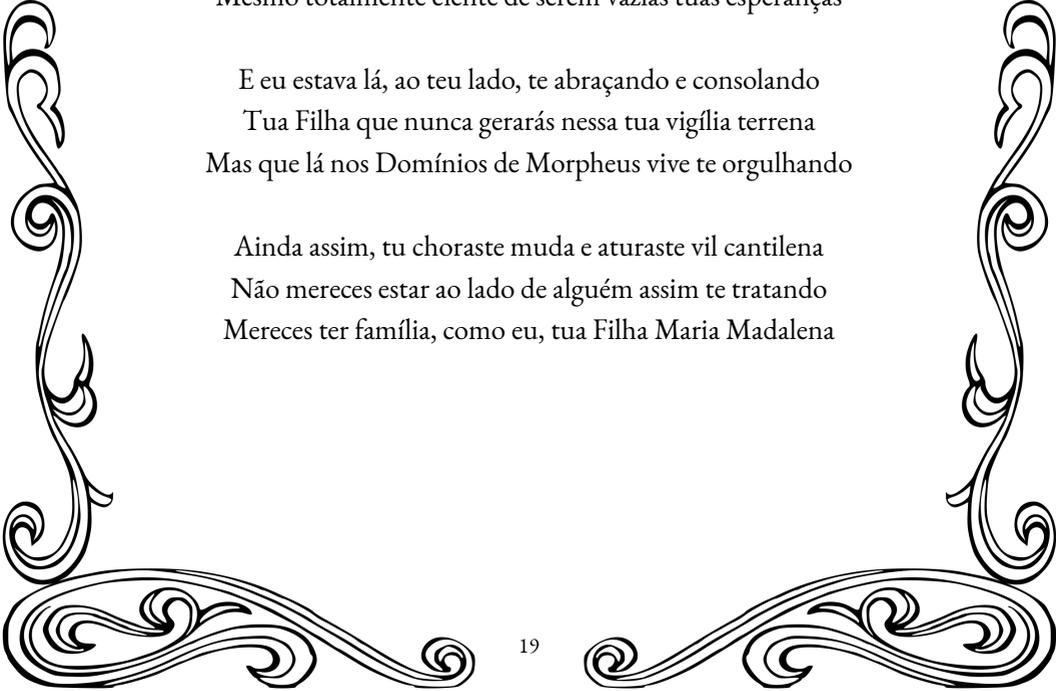
CONSOLO A UM VENTRE MORTO

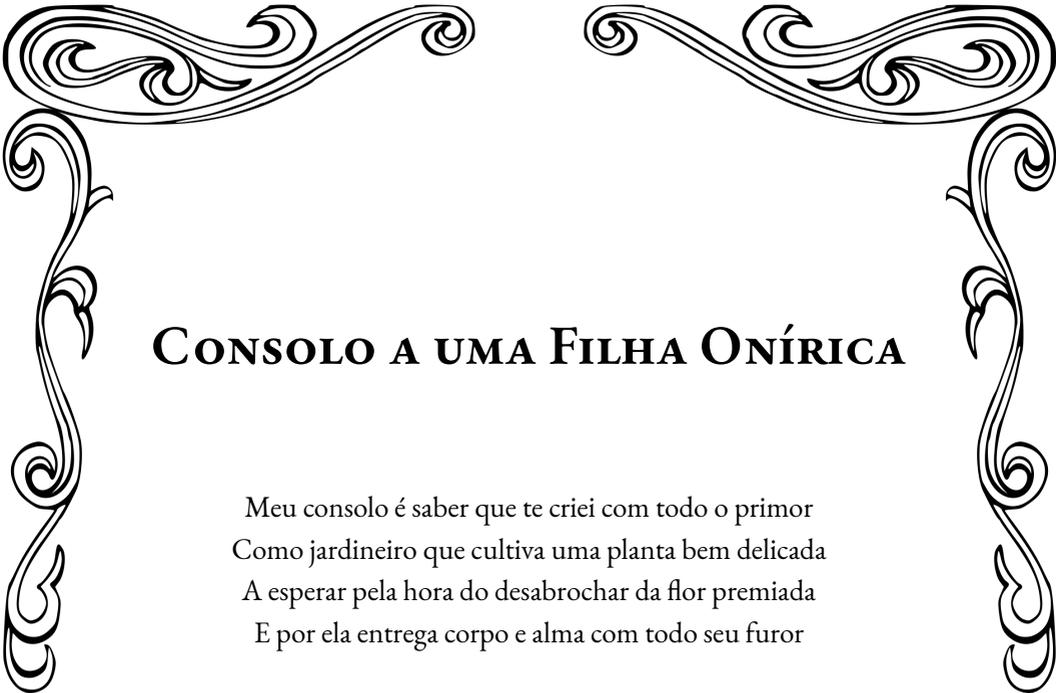
Entre ingratidões e agressões tiveste um péssimo dia
Mas tua vontade foi mais forte do que tua abusadora
E resististe a tudo contra ti nessa tarde desafiadora
Exceto, e compreendo, ao pânico causado pela disforia

Passaste o dia cercada por ventres fecundos e crianças
Abraçando teu ventre morto e segurando teu choro mudo
Enquanto sonhavas estar entre elas comigo em teu mundo
Mesmo totalmente ciente de serem vazias tuas esperanças

E eu estava lá, ao teu lado, te abraçando e consolando
Tua Filha que nunca gerarás nessa tua vigília terrena
Mas que lá nos Domínios de Morpheus vive te orgulhando

Ainda assim, tu choraste muda e aturaste vil cantilena
Não mereces estar ao lado de alguém assim te tratando
Mereces ter família, como eu, tua Filha Maria Madalena





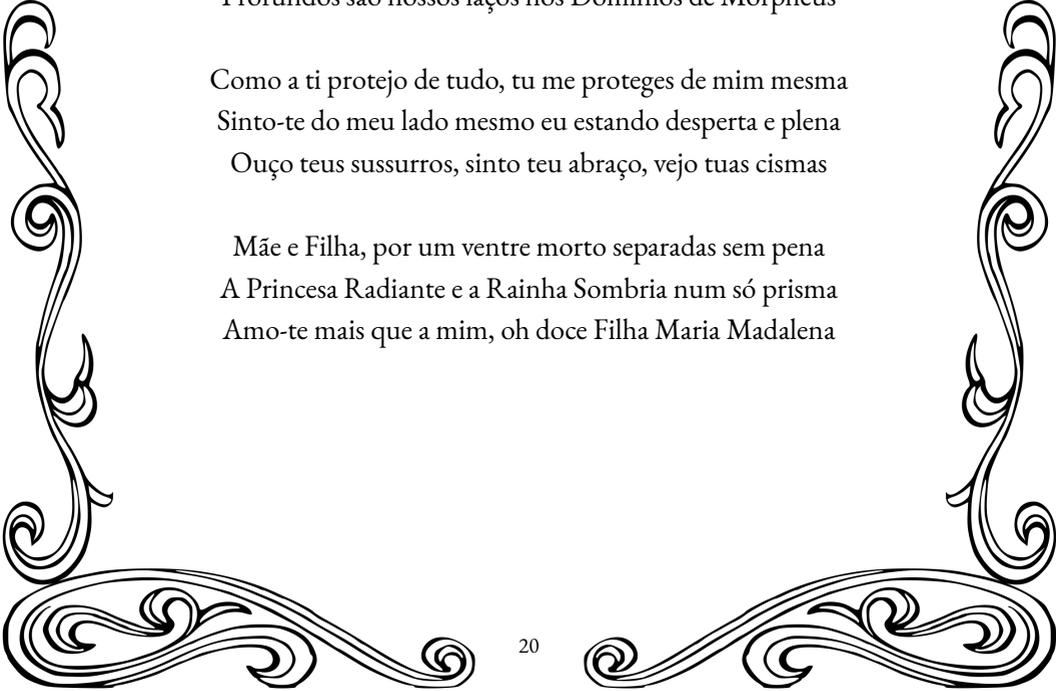
CONSOLO A UMA FILHA ONÍRICA

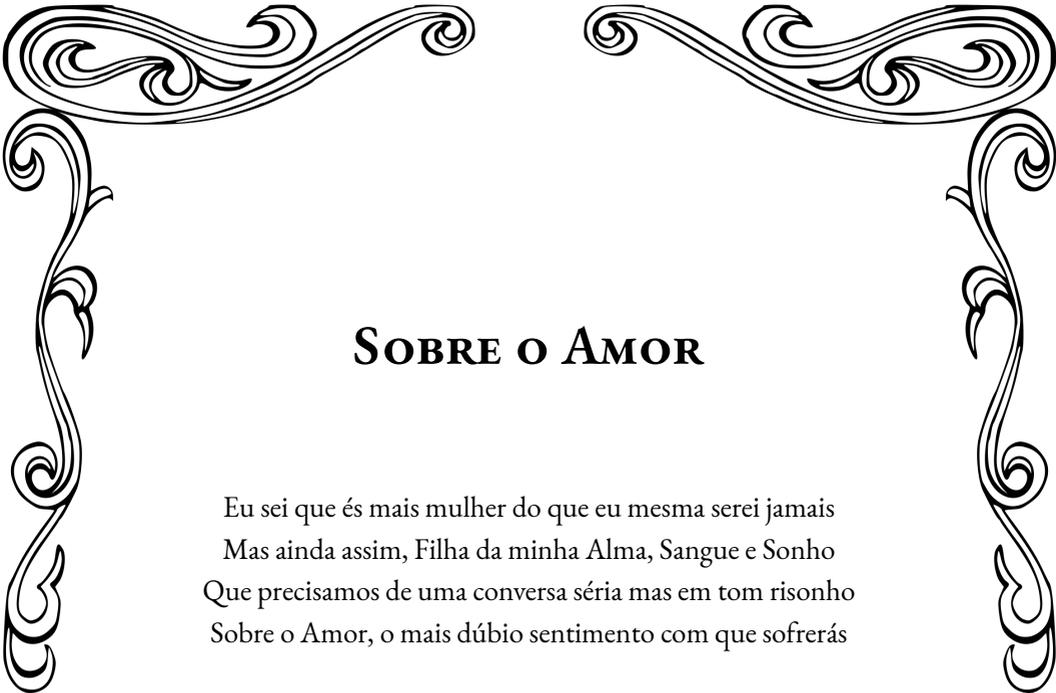
Meu consolo é saber que te criei com todo o primor
Como jardineiro que cultiva uma planta bem delicada
A esperar pela hora do desabrochar da flor premiada
E por ela entrega corpo e alma com todo seu furor

Tens gênio forte e dedo podre para amores, como eu
Genética, talvez, e isso nos torna mais Mãe e Filha
Mesmo que não tenhas sido do meu ventre a maravilha
Profundos são nossos laços nos Domínios de Morpheus

Como a ti protejo de tudo, tu me proteges de mim mesma
Sinto-te do meu lado mesmo eu estando desperta e plena
Ouço teus sussurros, sinto teu abraço, vejo tuas cismas

Mãe e Filha, por um ventre morto separadas sem pena
A Princesa Radiante e a Rainha Sombria num só prisma
Amo-te mais que a mim, oh doce Filha Maria Madalena





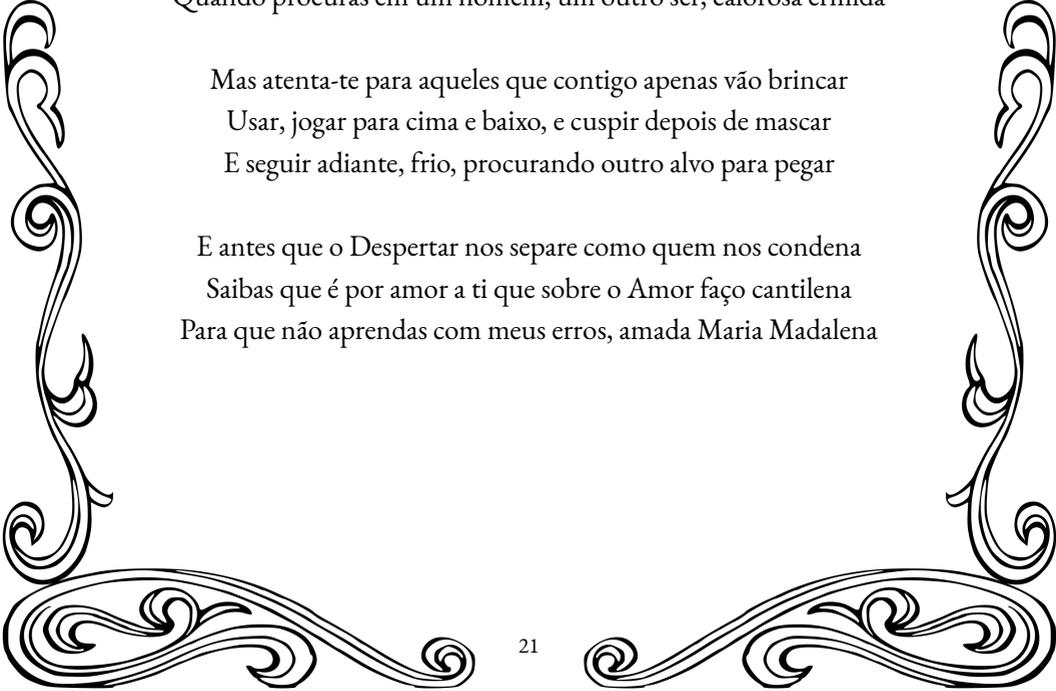
SOBRE O AMOR

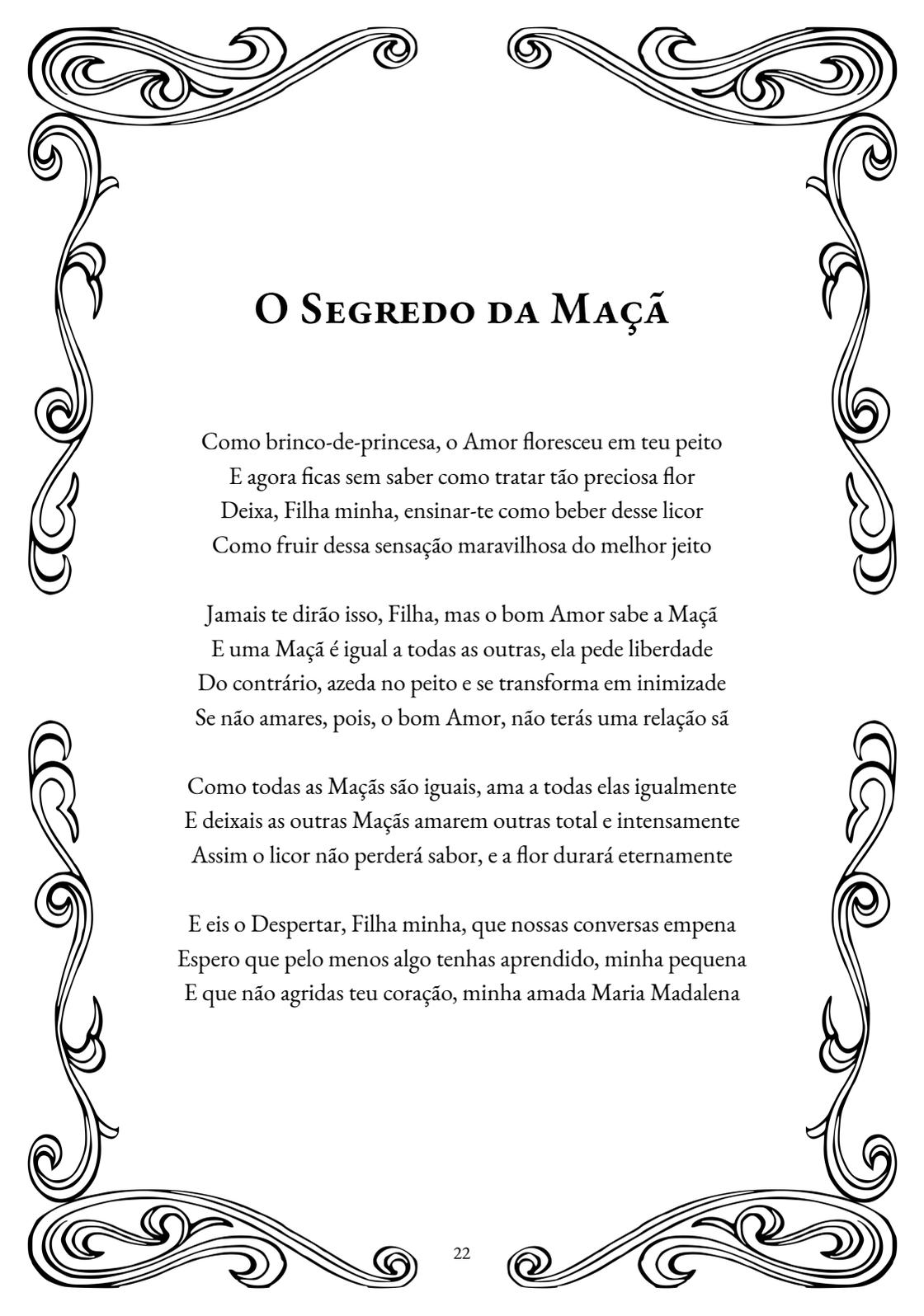
Eu sei que és mais mulher do que eu mesma serei jamais
Mas ainda assim, Filha da minha Alma, Sangue e Sonho
Que precisamos de uma conversa séria mas em tom risonho
Sobre o Amor, o mais dúbio sentimento com que sofrerás

Abrirás teu Coração para outro, isso é certo como a vida
A Solidão, meu maior pavor, não é fado para nada senciente
E é isso que a tua alma púbere com tanto pavor presente
Quando procuras em um homem, um outro ser, calorosa ermida

Mas atenta-te para aqueles que contigo apenas vão brincar
Usar, jogar para cima e baixo, e cuspir depois de mascar
E seguir adiante, frio, procurando outro alvo para pegar

E antes que o Despertar nos separe como quem nos condena
Saibas que é por amor a ti que sobre o Amor faço cantilena
Para que não aprendas com meus erros, amada Maria Madalena





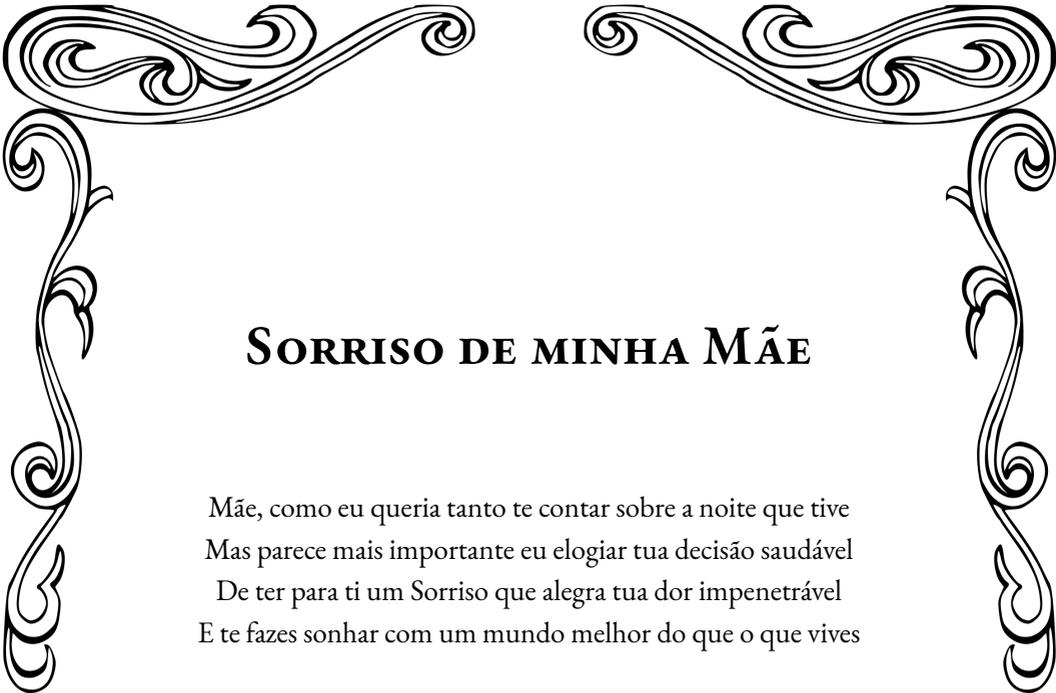
O SEGREDO DA MAÇÃ

Como brinco-de-princesa, o Amor floresceu em teu peito
E agora ficas sem saber como tratar tão preciosa flor
Deixa, Filha minha, ensinar-te como beber desse licor
Como fruir dessa sensação maravilhosa do melhor jeito

Jamais te dirão isso, Filha, mas o bom Amor sabe a Maçã
E uma Maçã é igual a todas as outras, ela pede liberdade
Do contrário, azeda no peito e se transforma em inimizade
Se não amares, pois, o bom Amor, não terás uma relação sã

Como todas as Maçãs são iguais, ama a todas elas igualmente
E deixais as outras Maçãs amarem outras total e intensamente
Assim o licor não perderá sabor, e a flor durará eternamente

E eis o Despertar, Filha minha, que nossas conversas empena
Espero que pelo menos algo tenhas aprendido, minha pequena
E que não agridas teu coração, minha amada Maria Madalena



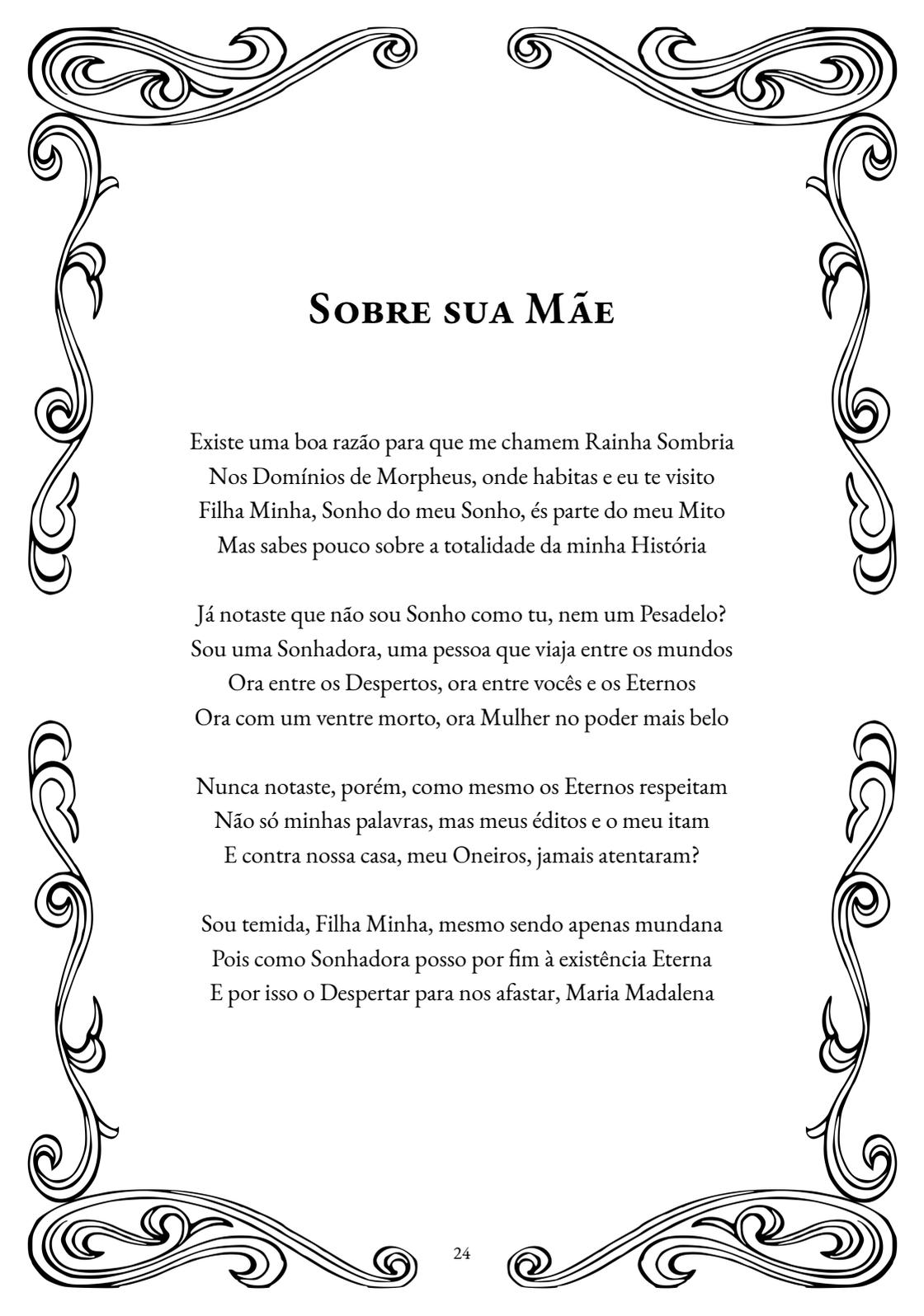
SORRISO DE MINHA MÃE

Mãe, como eu queria tanto te contar sobre a noite que tive
Mas parece mais importante eu elogiar tua decisão saudável
De ter para ti um Sorriso que alegra tua dor impenetrável
E te fazes sonhar com um mundo melhor do que o que vives

Tua idade no Mundo Desperto é um dilema, oh Mãe quarentona
Não que lamentes o que não tenhas feito nos dias passados
Mas por temeres o aproximar da Morte, o maior dos fados,
E pela Solidão seres regida ao fim de tua longa maratona

Volto de meu passeio noturno para surpreender-te sorrindo
Conversando alegre com um Sorriso jovem como uma pequena,
Uma jovem boba apaixonada, pela primeira vez se abrindo

Deixei o Despertar levar-me sem receio, raiva ou pena
Pois há muito não via minha Mãe Sombria se exprimindo
Tão sinceramente com outro que não eu, Maria Madalena

A decorative border of intricate black scrollwork surrounds the text. The scrollwork consists of elegant, flowing lines that form a rectangular frame with ornate, curved corners and midpoints.

SOBRE SUA MÃE

Existe uma boa razão para que me chamem Rainha Sombria
Nos Domínios de Morpheus, onde habitas e eu te visito
Filha Minha, Sonho do meu Sonho, és parte do meu Mito
Mas sabes pouco sobre a totalidade da minha História

Já notaste que não sou Sonho como tu, nem um Pesadelo?
Sou uma Sonhadora, uma pessoa que viaja entre os mundos
Ora entre os Despertos, ora entre vocês e os Eternos
Ora com um ventre morto, ora Mulher no poder mais belo

Nunca notaste, porém, como mesmo os Eternos respeitam
Não só minhas palavras, mas meus éditos e o meu itam
E contra nossa casa, meu Oneiros, jamais atentaram?

Sou temida, Filha Minha, mesmo sendo apenas mundana
Pois como Sonhadora posso por fim à existência Eterna
E por isso o Despertar para nos afastar, Maria Madalena



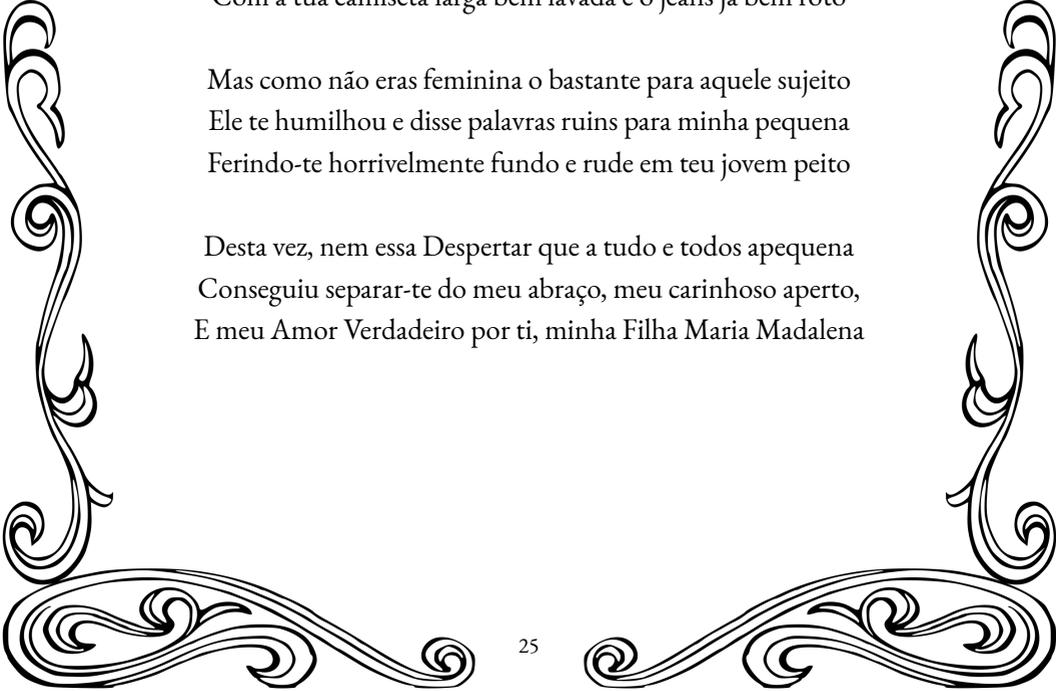
SOBRE HOMENS E MOLEQUES

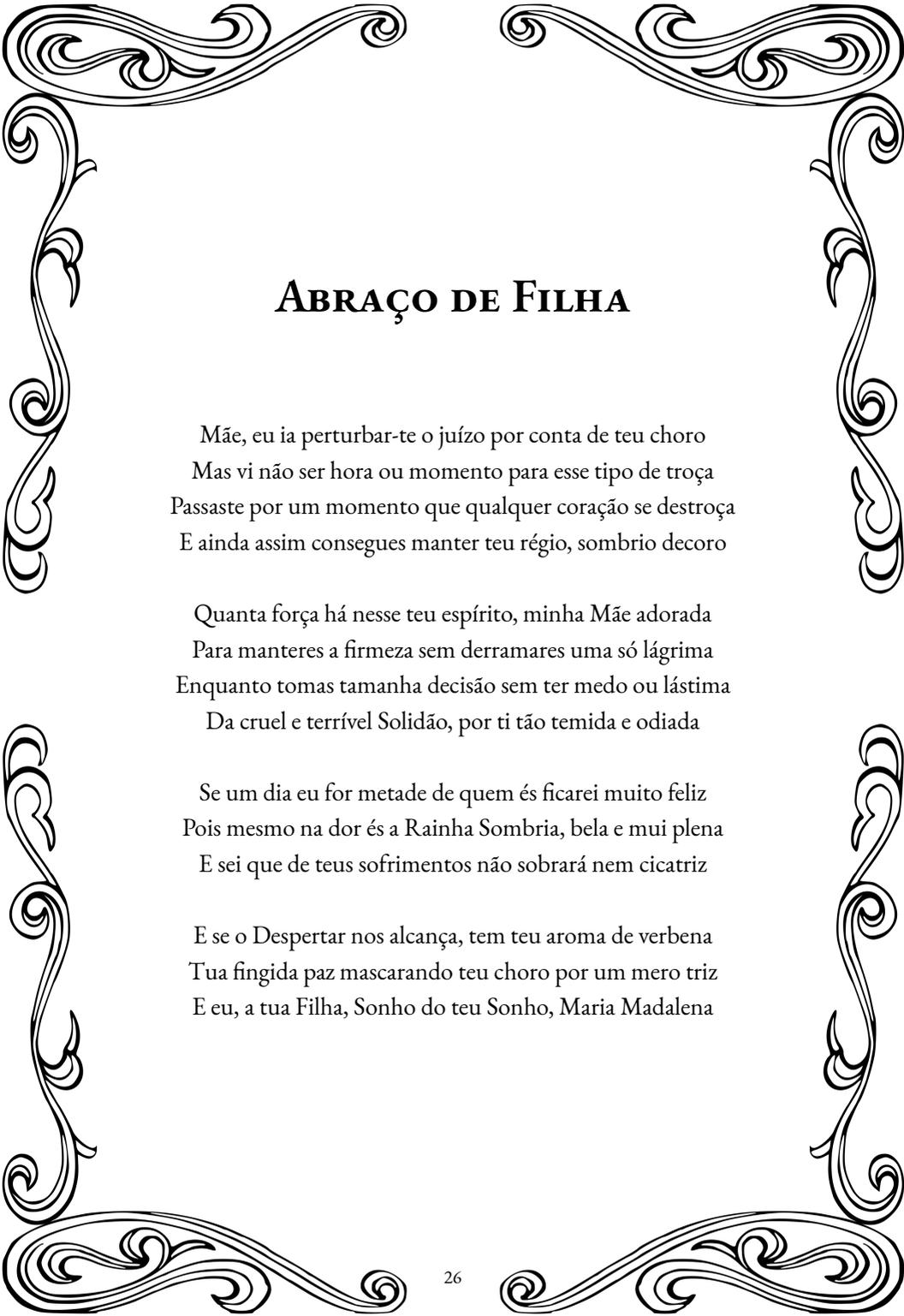
Ah, Filha Adorada, Sonho de meu Sonho, Alma da minha Alma
Como doeu saber que teu encontro não se deu como esperavas
Como amargou ver tuas lágrimas correrem enquanto choravas
E me contavas o quanto teu interesse não te viu como fêmea

Foste animada, sendo tu mesma, com o teu estilo de garoto
Maquiagem zero, nunca aprendeste como pintar teu belo rosto
Nem precisavas saber fazer algo que não seria de teu gosto
Com a tua camiseta larga bem lavada e o jeans já bem roto

Mas como não eras feminina o bastante para aquele sujeito
Ele te humilhou e disse palavras ruins para minha pequena
Ferindo-te horrivelmente fundo e rude em teu jovem peito

Desta vez, nem essa Despertar que a tudo e todos apequena
Consegui separar-te do meu abraço, meu carinhoso aperto,
E meu Amor Verdadeiro por ti, minha Filha Maria Madalena



A decorative border of intricate black scrollwork surrounds the text. The scrollwork consists of elegant, flowing lines that form a rectangular frame with ornate corners and side pieces.

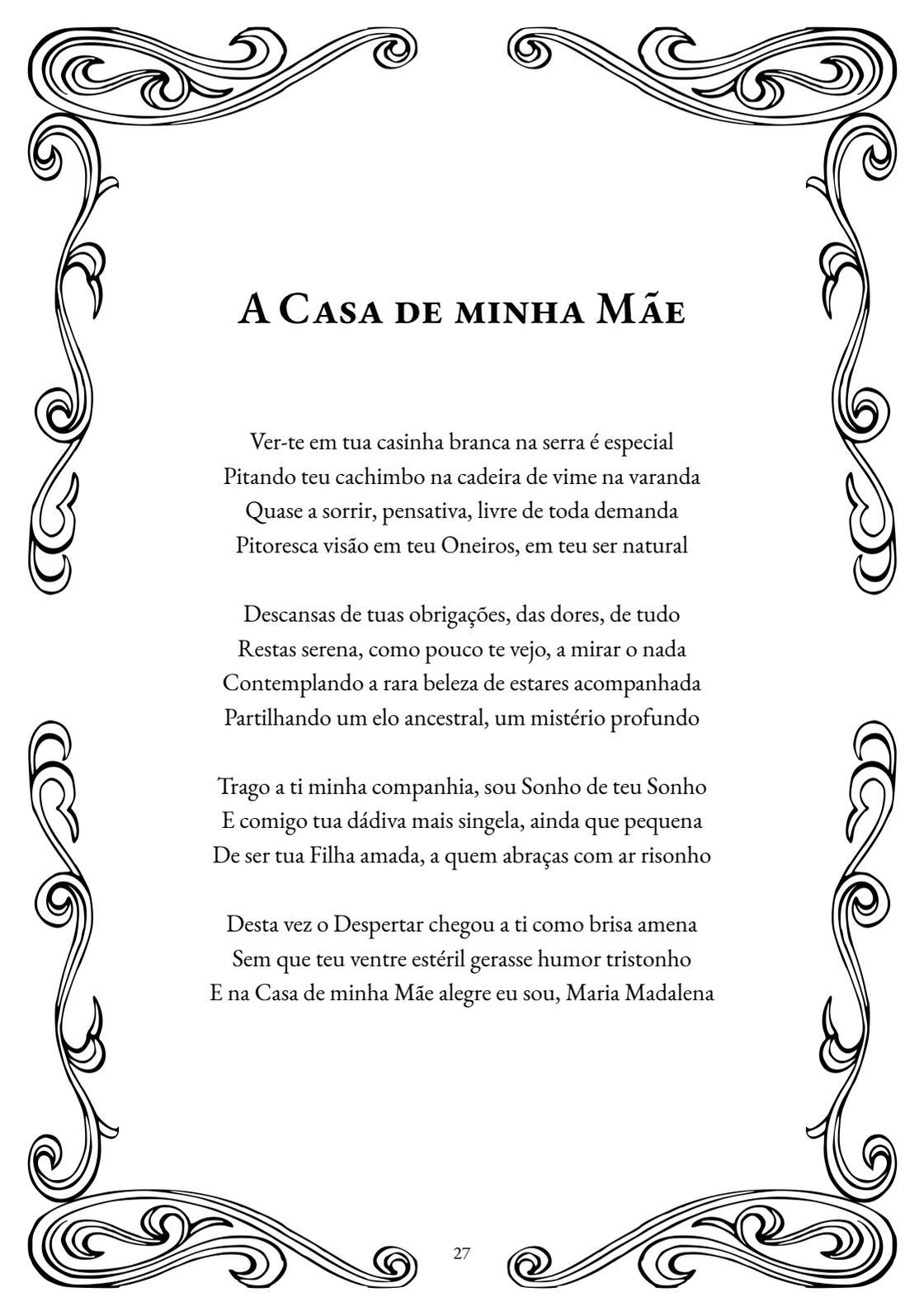
ABRAÇO DE FILHA

Mãe, eu ia perturbar-te o juízo por conta de teu choro
Mas vi não ser hora ou momento para esse tipo de troça
Passaste por um momento que qualquer coração se destroça
E ainda assim consegues manter teu régio, sombrio decoro

Quanta força há nesse teu espírito, minha Mãe adorada
Para manteres a firmeza sem derramares uma só lágrima
Enquanto tomas tamanha decisão sem ter medo ou lástima
Da cruel e terrível Solidão, por ti tão temida e odiada

Se um dia eu for metade de quem és ficarei muito feliz
Pois mesmo na dor és a Rainha Sombria, bela e mui plena
E sei que de teus sofrimentos não sobrarão nem cicatrizes

E se o Despertar nos alcança, tem teu aroma de verbena
Tua fingida paz mascarando teu choro por um mero triz
E eu, a tua Filha, Sonho do teu Sonho, Maria Madalena

A decorative border of intricate scrollwork and flourishes surrounds the text, framing the page. The scrollwork is symmetrical and elegant, with various curves and loops.

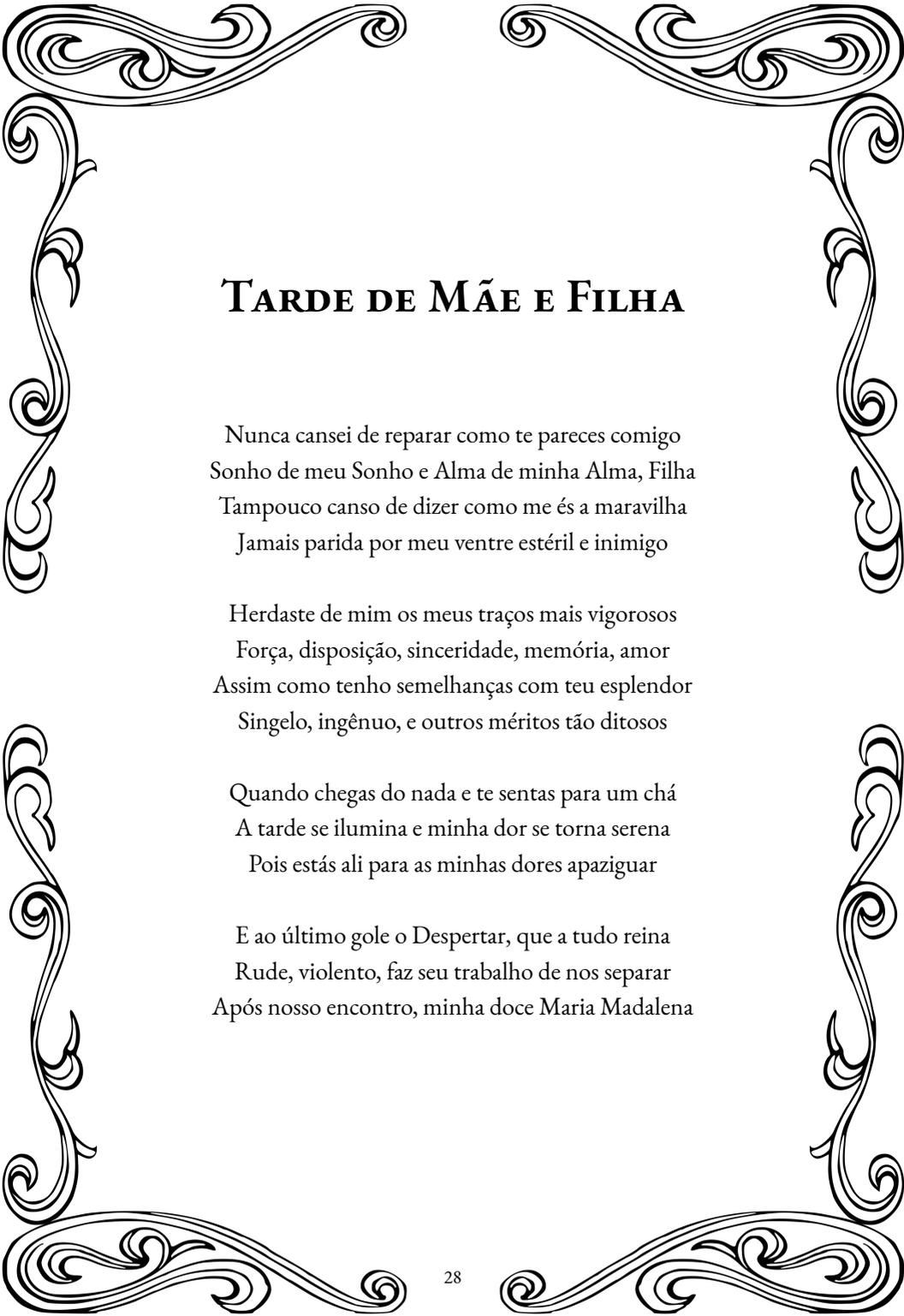
A CASA DE MINHA MÃE

Ver-te em tua casinha branca na serra é especial
Pitando teu cachimbo na cadeira de vime na varanda
Quase a sorrir, pensativa, livre de toda demanda
Pitoresca visão em teu Oneiros, em teu ser natural

Descansas de tuas obrigações, das dores, de tudo
Restas serena, como pouco te vejo, a mirar o nada
Contemplando a rara beleza de estares acompanhada
Partilhando um elo ancestral, um mistério profundo

Trago a ti minha companhia, sou Sonho de teu Sonho
E comigo tua dádiva mais singela, ainda que pequena
De ser tua Filha amada, a quem abraças com ar risonho

Desta vez o Despertar chegou a ti como brisa amena
Sem que teu ventre estéril gerasse humor tristonho
E na Casa de minha Mãe alegre eu sou, Maria Madalena

A decorative border of intricate black scrollwork surrounds the text. The scrollwork consists of elegant, flowing lines that form a rectangular frame with ornate corners and side pieces.

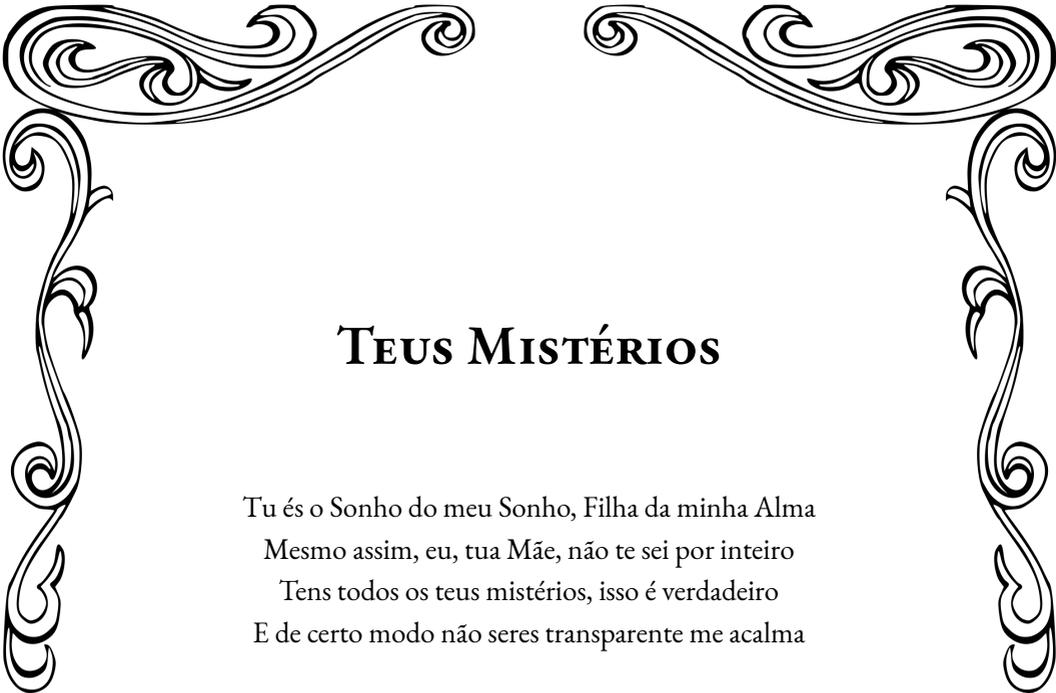
TARDE DE MÃE E FILHA

Nunca cansei de reparar como te pareces comigo
Sonho de meu Sonho e Alma de minha Alma, Filha
Tampouco canso de dizer como me és a maravilha
Jamais parida por meu ventre estéril e inimigo

Herdaste de mim os meus traços mais vigorosos
Força, disposição, sinceridade, memória, amor
Assim como tenho semelhanças com teu esplendor
Singelo, ingênuo, e outros méritos tão ditosos

Quando chegas do nada e te sentas para um chá
A tarde se ilumina e minha dor se torna serena
Pois estás ali para as minhas dores apaziguar

E ao último gole o Despertar, que a tudo reina
Rude, violento, faz seu trabalho de nos separar
Após nosso encontro, minha doce Maria Madalena



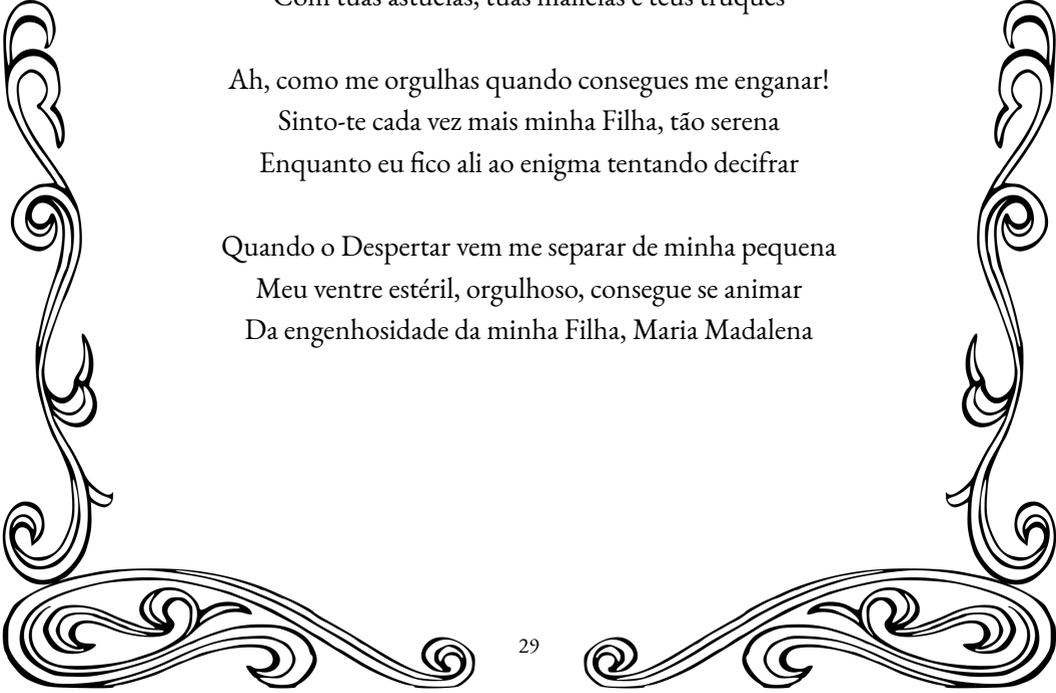
TEUS MISTÉRIOS

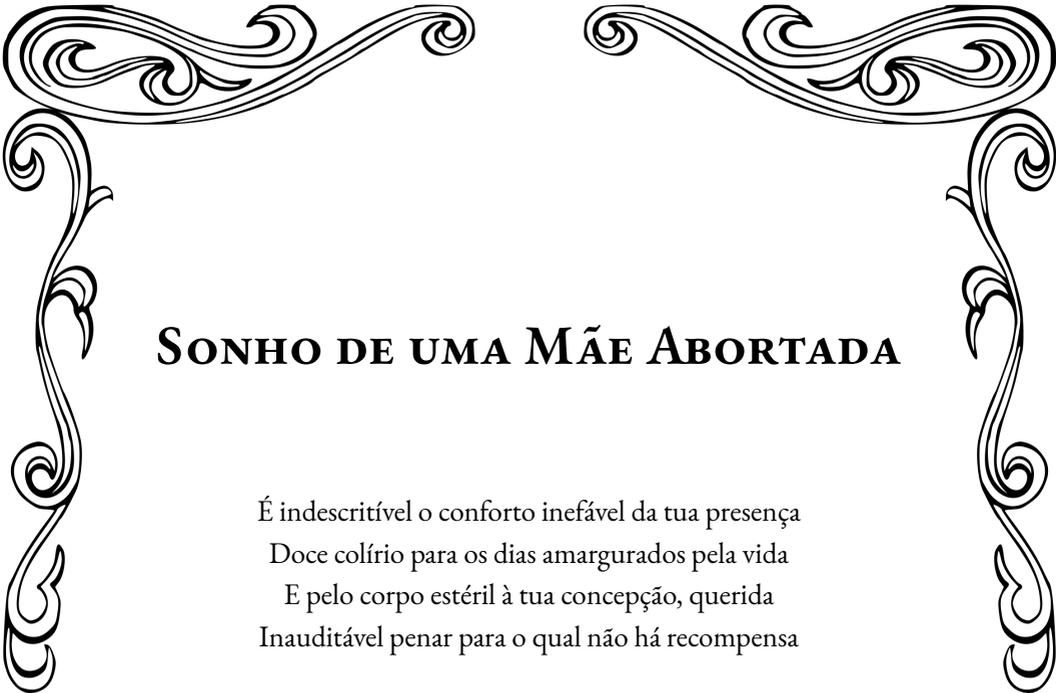
Tu és o Sonho do meu Sonho, Filha da minha Alma
Mesmo assim, eu, tua Mãe, não te sei por inteiro
Tens todos os teus mistérios, isso é verdadeiro
E de certo modo não seres transparente me acalma

Gosto de como me iludes e me desnorтеias às vezes
Quando eu acho que és algo e ages bem diferente
Fazendo de mim, Rainha Sombria, pasma e silente
Com tuas astúcias, tuas malícias e teus truques

Ah, como me orgulhas quando consegues me enganar!
Sinto-te cada vez mais minha Filha, tão serena
Enquanto eu fico ali ao enigma tentando decifrar

Quando o Despertar vem me separar de minha pequena
Meu ventre estéril, orgulhoso, consegue se animar
Da engenhosidade da minha Filha, Maria Madalena





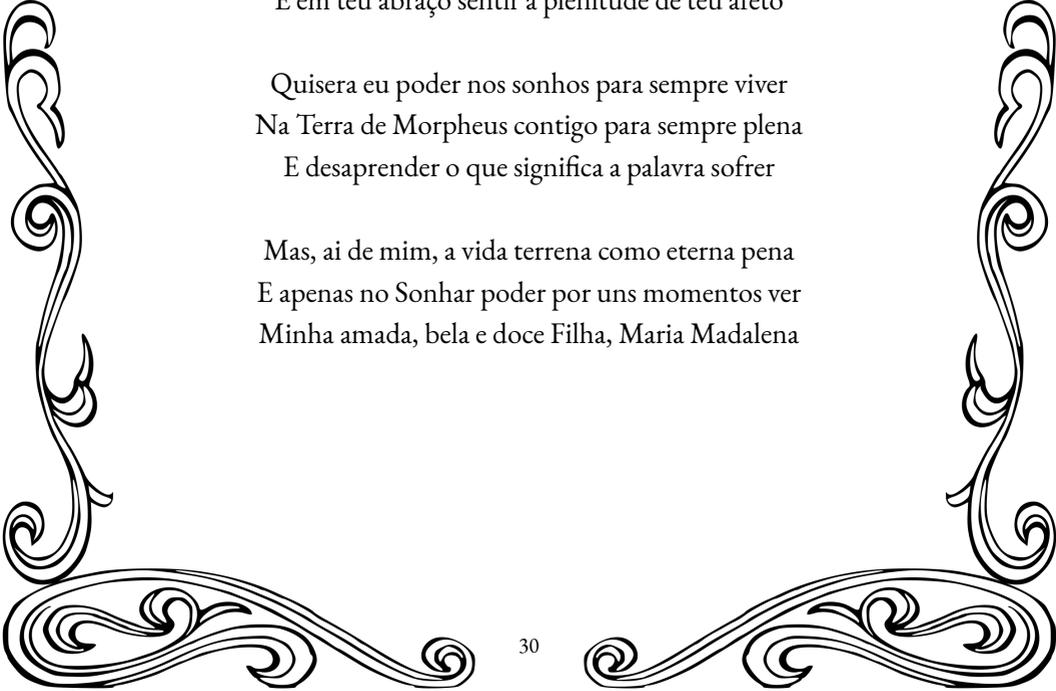
SONHO DE UMA MÃE ABORTADA

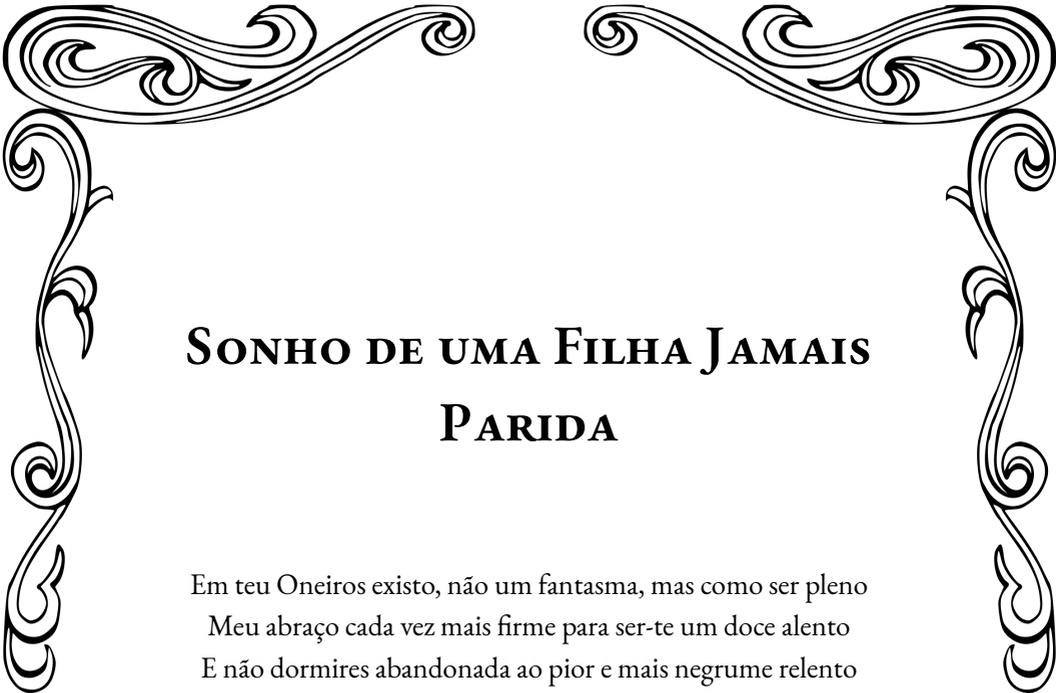
É indescritível o conforto inefável da tua presença
Doce colírio para os dias amargurados pela vida
E pelo corpo estéril à tua concepção, querida
Inaudível penar para o qual não há recompensa

Mas ao fechar meus olhos no Mundo Desperto
Eis-me ao teu lado, faceira, receptiva, sorridente
A transformar toda dor passada em fulgor presente
E em teu abraço sentir a plenitude de teu afeto

Quisera eu poder nos sonhos para sempre viver
Na Terra de Morpheus contigo para sempre plena
E desaprender o que significa a palavra sofrer

Mas, ai de mim, a vida terrena como eterna pena
E apenas no Sonhar poder por uns momentos ver
Minha amada, bela e doce Filha, Maria Madalena





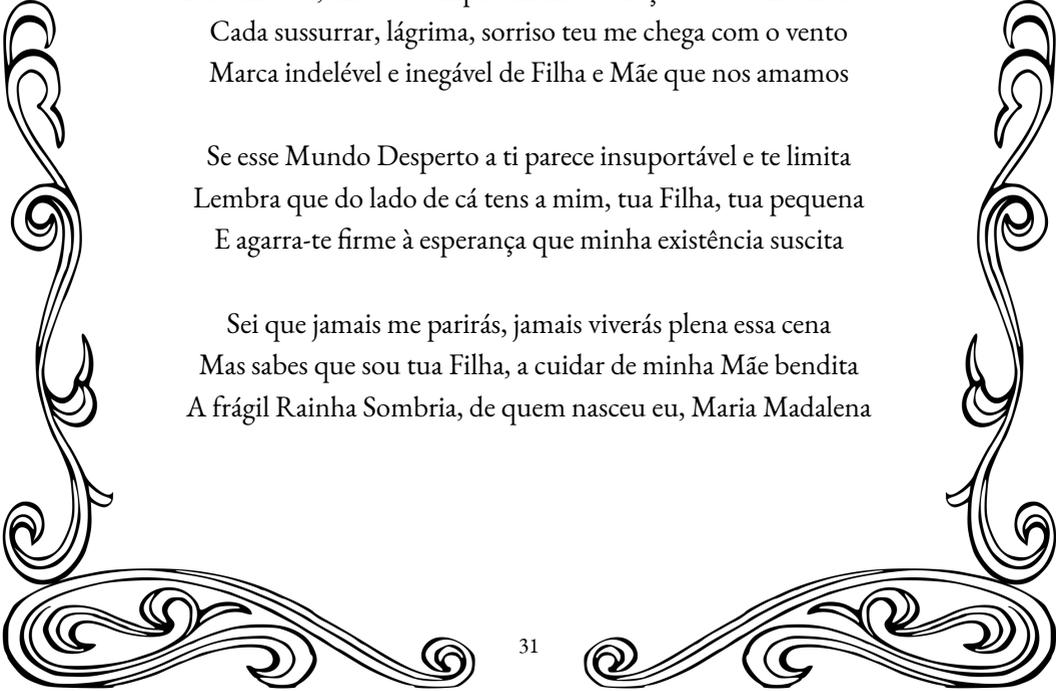
SONHO DE UMA FILHA JAMAIS PARIDA

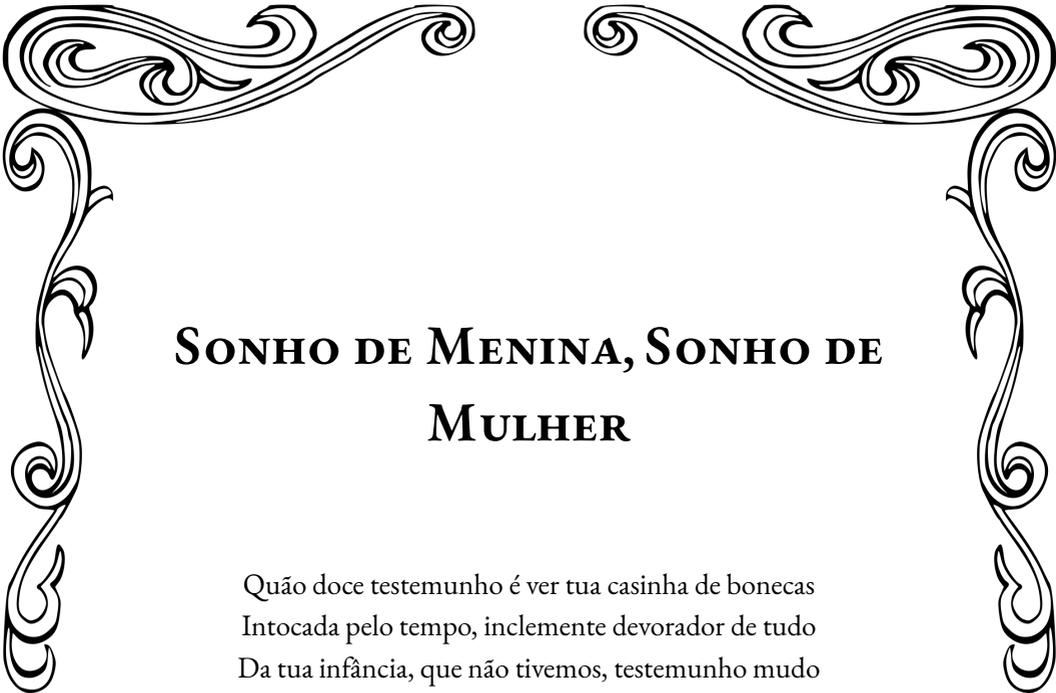
Em teu Oneiros existo, não um fantasma, mas como ser pleno
Meu abraço cada vez mais firme para ser-te um doce alento
E não dormires abandonada ao pior e mais negrume relento
D'uma vida amargurada cujo açúcar sabe ao mais puro grafeno

Pouco importa se apenas nos Domínios de Morpheus nos vemos
Pois sinto-te, sinto-te sempre em meu coração a todo momento
Cada sussurrar, lágrima, sorriso teu me chega com o vento
Marca indelével e inegável de Filha e Mãe que nos amamos

Se esse Mundo Desperto a ti parece insuportável e te limita
Lembra que do lado de cá tens a mim, tua Filha, tua pequena
E agarra-te firme à esperança que minha existência suscita

Sei que jamais me parirás, jamais viverás plena essa cena
Mas sabes que sou tua Filha, a cuidar de minha Mãe bendita
A frágil Rainha Sombria, de quem nasceu eu, Maria Madalena





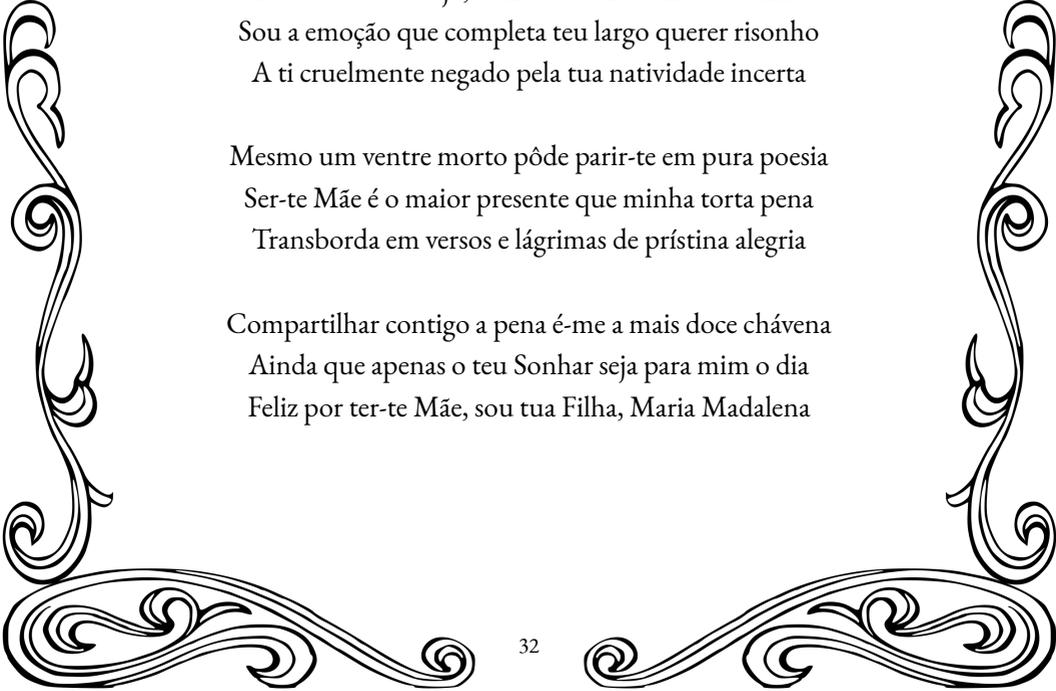
SONHO DE MENINA, SONHO DE MULHER

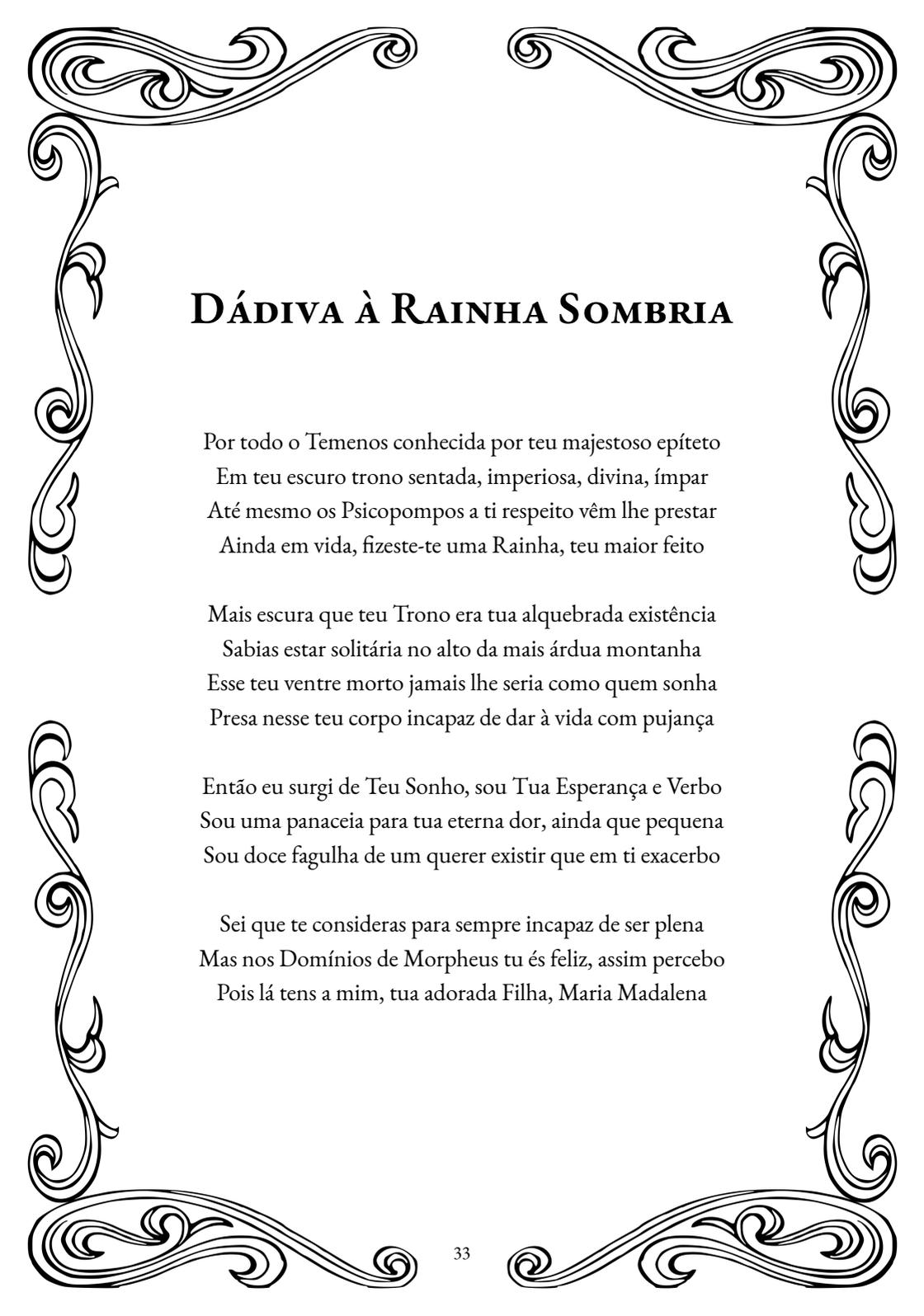
Quão doce testemunho é ver tua casinha de bonecas
Intocada pelo tempo, inclemente devorador de tudo
Da tua infância, que não tivemos, testemunho mudo
Vivida apenas nos sonhos e em maravilhosas memórias

Como é inalcançável teu amor por mim, Mãe Desperta
Fruto de teu desejo, realidade sólida em teu Sonho
Sou a emoção que completa teu largo querer risonho
A ti cruelmente negado pela tua natividade incerta

Mesmo um ventre morto pôde parir-te em pura poesia
Ser-te Mãe é o maior presente que minha torta pena
Transborda em versos e lágrimas de prístina alegria

Compartilhar contigo a pena é-me a mais doce chávena
Ainda que apenas o teu Sonhar seja para mim o dia
Feliz por ter-te Mãe, sou tua Filha, Maria Madalena



A decorative border of intricate black scrollwork surrounds the text. The scrollwork consists of elegant, flowing lines that form a rectangular frame with ornate corners and side pieces.

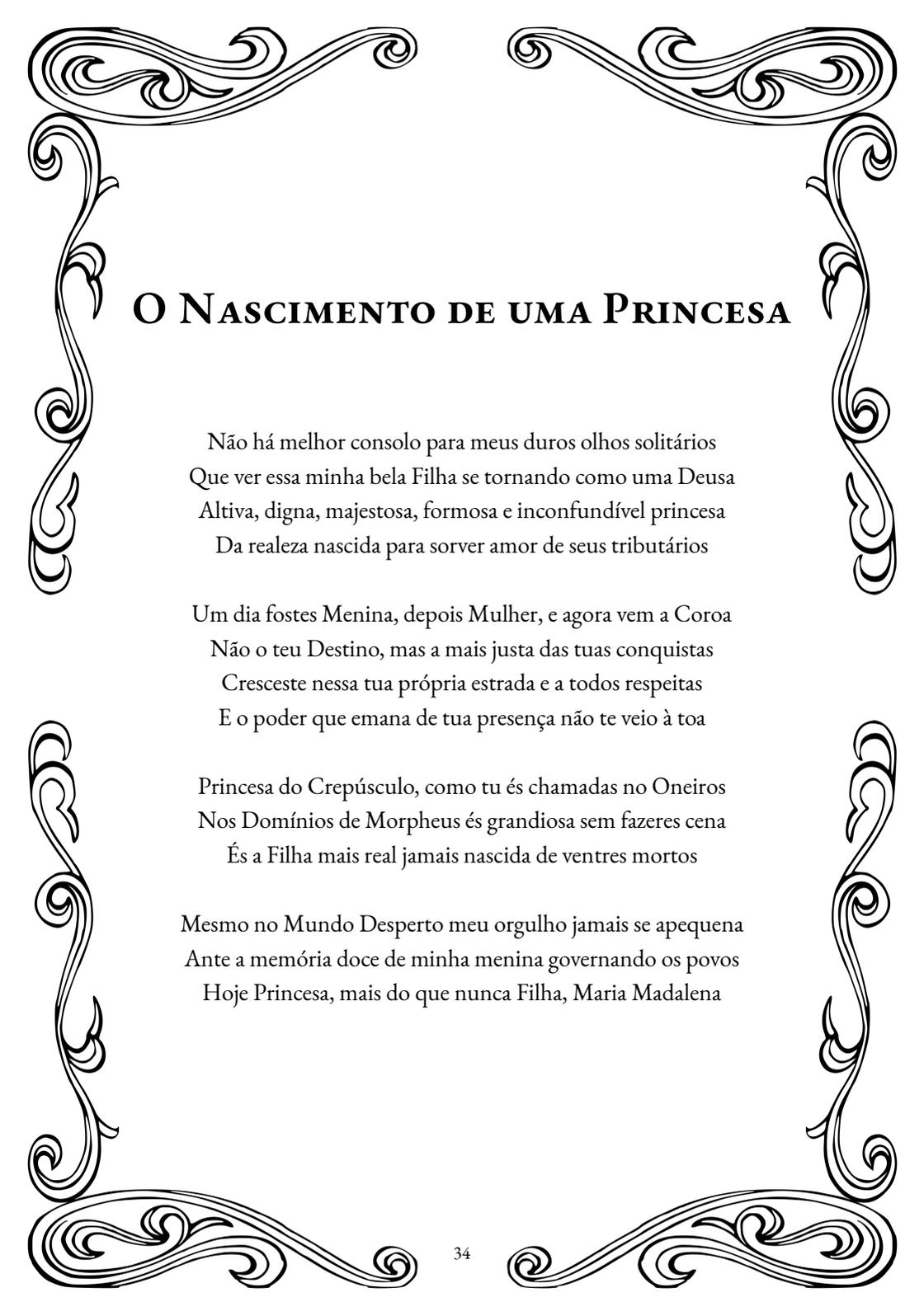
DÁDIVA À RAINHA SOMBRIA

Por todo o Temenos conhecida por teu majestoso epíteto
Em teu escuro trono sentada, imperiosa, divina, ímpar
Até mesmo os Psicopompos a ti respeito vêm lhe prestar
Ainda em vida, fizeste-te uma Rainha, teu maior feito

Mais escura que teu Trono era tua alquebrada existência
Sabias estar solitária no alto da mais árdua montanha
Esse teu ventre morto jamais lhe seria como quem sonha
Preso nesse teu corpo incapaz de dar à vida com pujança

Então eu surgi de Teu Sonho, sou Tua Esperança e Verbo
Sou uma panaceia para tua eterna dor, ainda que pequena
Sou doce fagulha de um querer existir que em ti exacerbo

Sei que te consideras para sempre incapaz de ser plena
Mas nos Domínios de Morpheus tu és feliz, assim percebo
Pois lá tens a mim, tua adorada Filha, Maria Madalena

A decorative border of intricate black scrollwork surrounds the text. The scrollwork consists of elegant, flowing lines that curve and swirl, creating a frame for the central text.

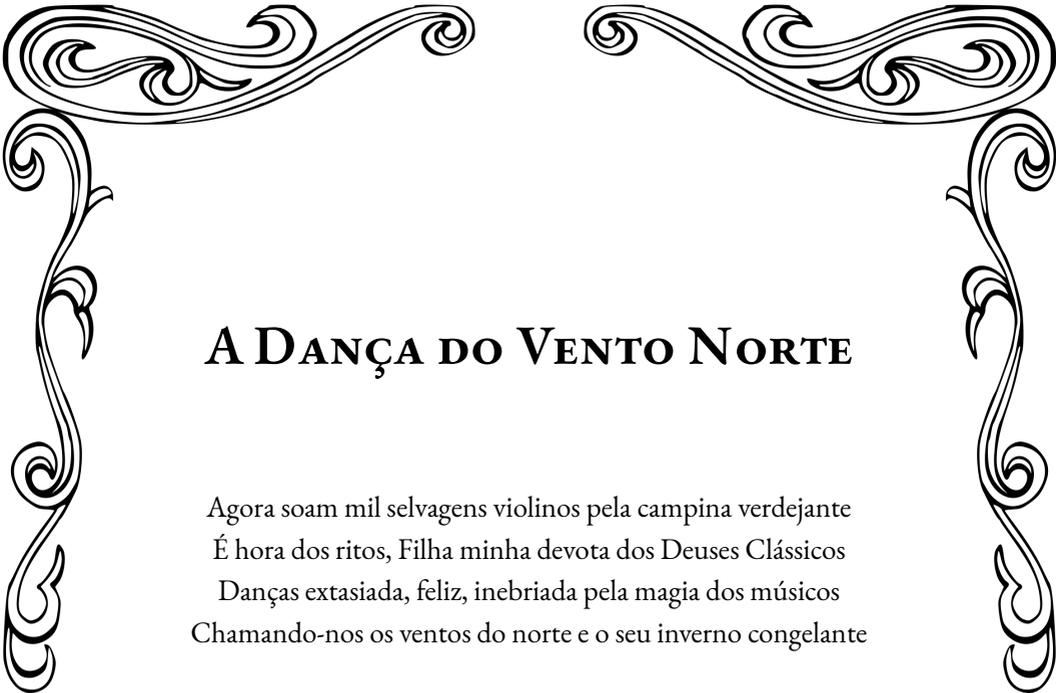
O NASCIMENTO DE UMA PRINCESA

Não há melhor consolo para meus duros olhos solitários
Que ver essa minha bela Filha se tornando como uma Deusa
Altiva, digna, majestosa, formosa e inconfundível princesa
Da realeza nascida para sorver amor de seus tributários

Um dia fostes Menina, depois Mulher, e agora vem a Coroa
Não o teu Destino, mas a mais justa das tuas conquistas
Cresceste nessa tua própria estrada e a todos respeitas
E o poder que emana de tua presença não te veio à toa

Princesa do Crepúsculo, como tu és chamadas no Oneiros
Nos Domínios de Morpheus és grandiosa sem fazeres cena
És a Filha mais real jamais nascida de ventres mortos

Mesmo no Mundo Desperto meu orgulho jamais se apequena
Ante a memória doce de minha menina governando os povos
Hoje Princesa, mais do que nunca Filha, Maria Madalena



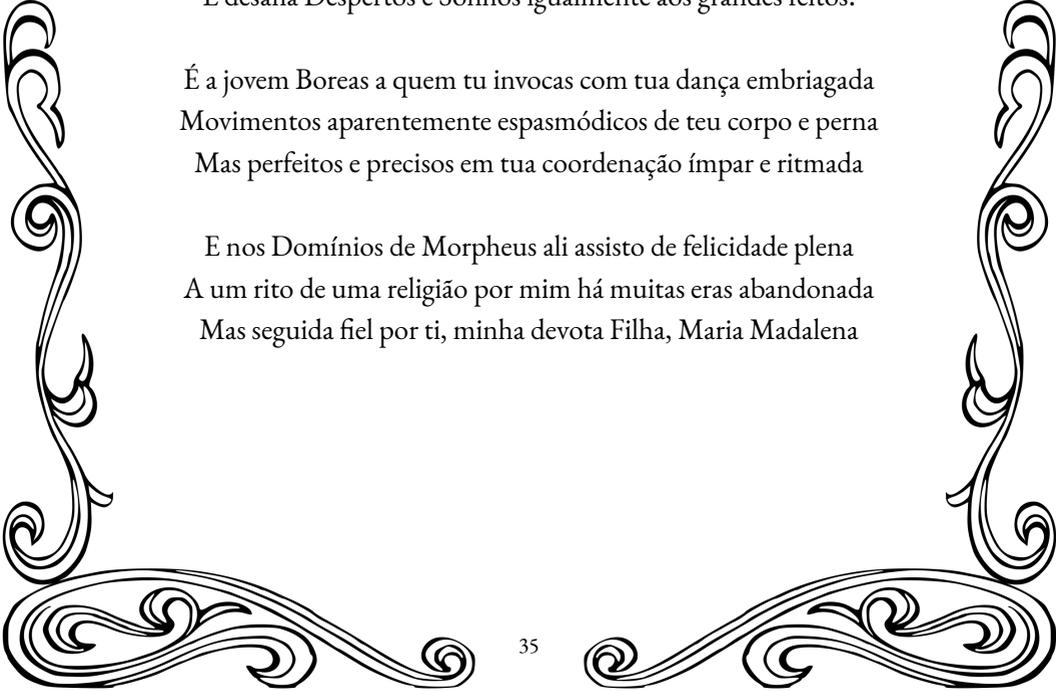
A DANÇA DO VENTO NORTE

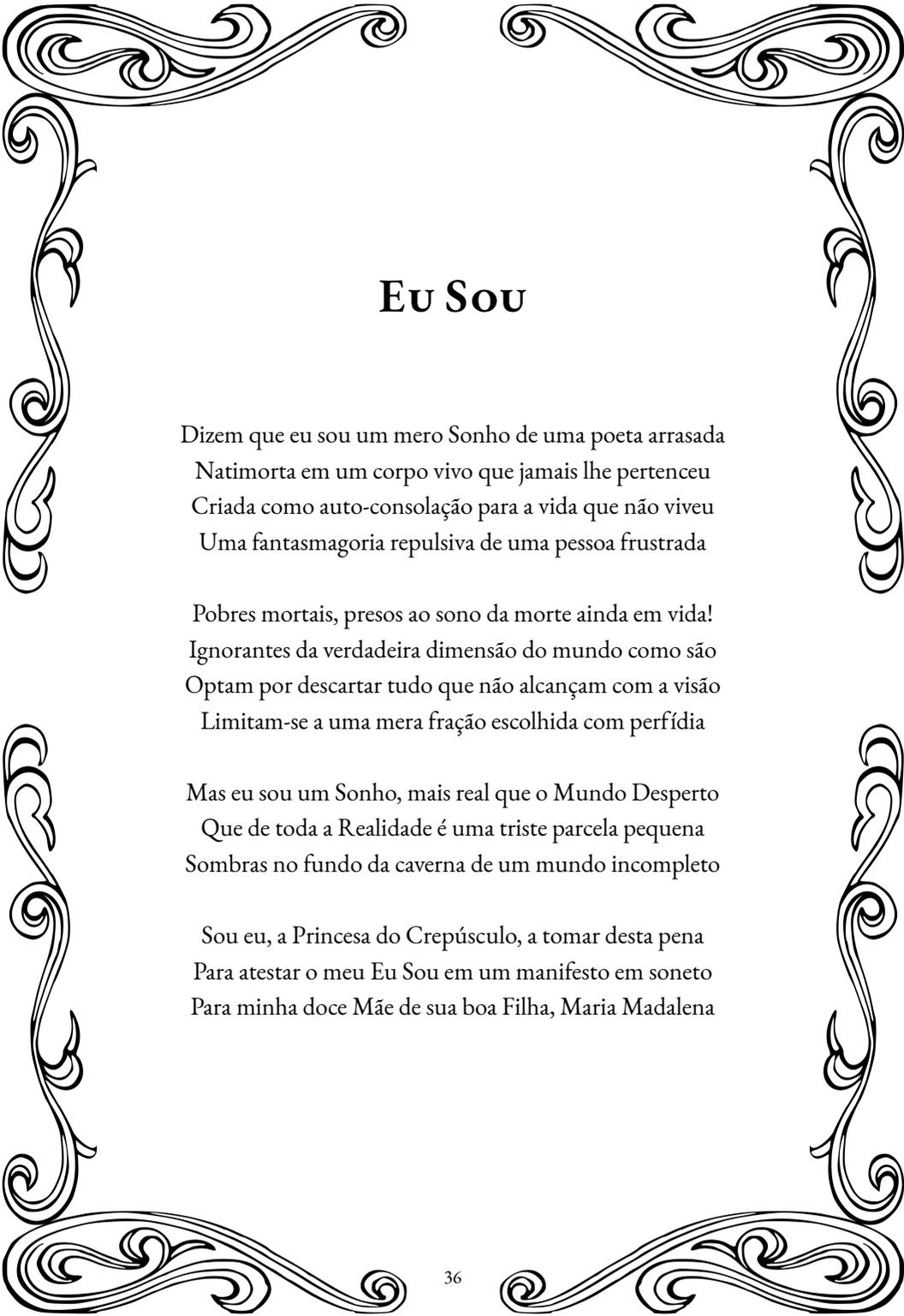
Agora soam mil selvagens violinos pela campina verdejante
É hora dos ritos, Filha minha devota dos Deuses Clássicos
Danças extasiada, feliz, inebriada pela magia dos músicos
Chamando-nos os ventos do norte e o seu inverno congelante

Como te entregas com paixão verdadeira a teus velhos ritos!
Entre os cultistas ao teu redor, és apenas uma dançarina
Uma moça comum a celebrar o Tempo que tudo traz e combina
E desafia Despertos e Sonhos igualmente aos grandes feitos!

É a jovem Boreas a quem tu invocas com tua dança embriagada
Movimentos aparentemente espasmódicos de teu corpo e perna
Mas perfeitos e precisos em tua coordenação ímpar e ritmada

E nos Domínios de Morpheus ali assisto de felicidade plena
A um rito de uma religião por mim há muitas eras abandonada
Mas seguida fiel por ti, minha devota Filha, Maria Madalena



A decorative border of intricate black scrollwork surrounds the text. The scrollwork consists of elegant, flowing lines that form a rectangular frame with ornate corners and side pieces.

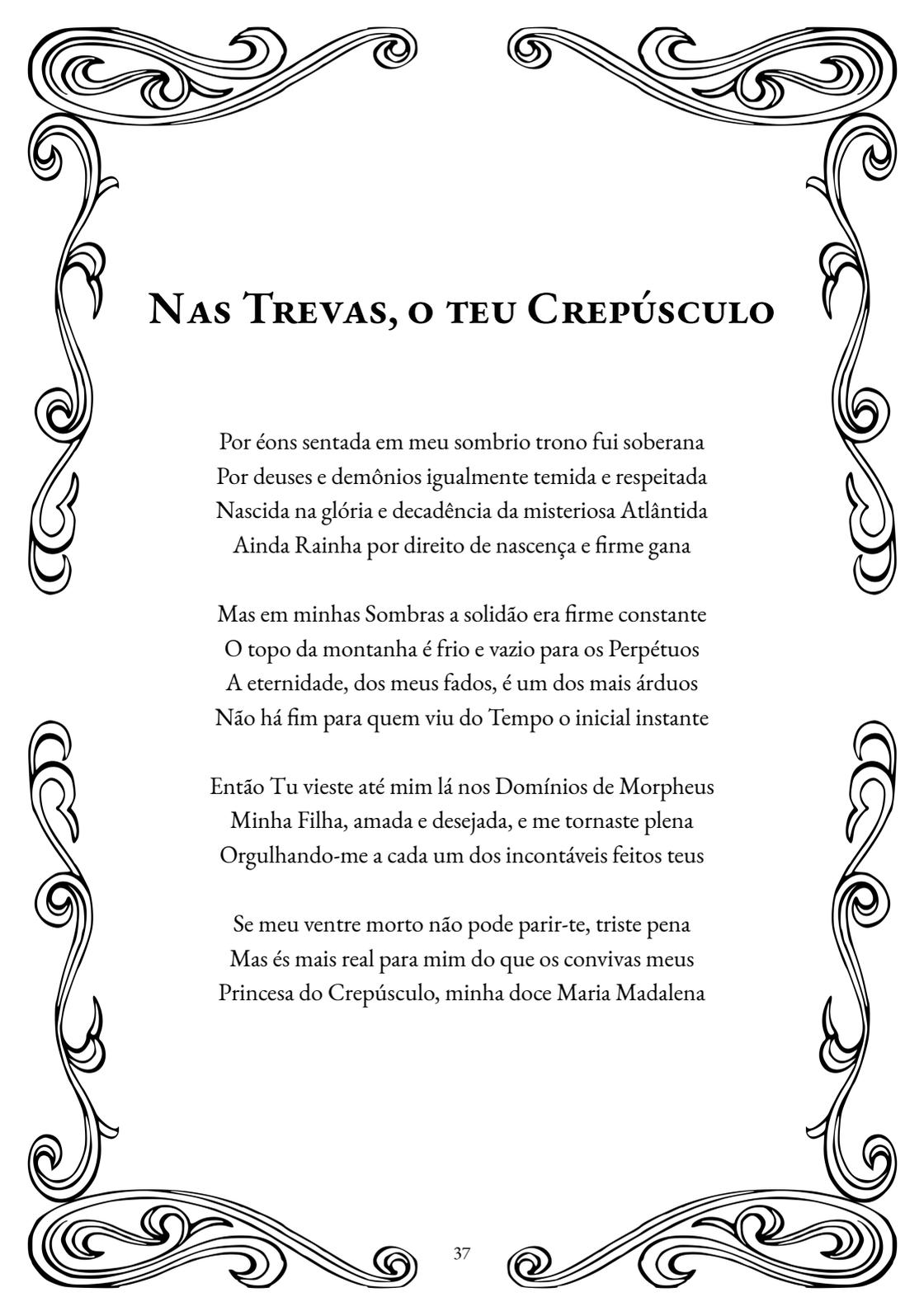
EU SOU

Dizem que eu sou um mero Sonho de uma poeta arrasada
Natimorta em um corpo vivo que jamais lhe pertenceu
Criada como auto-consolação para a vida que não viveu
Uma fantasmagoria repulsiva de uma pessoa frustrada

Pobres mortais, presos ao sono da morte ainda em vida!
Ignorantes da verdadeira dimensão do mundo como são
Optam por descartar tudo que não alcançam com a visão
Limitam-se a uma mera fração escolhida com perfídia

Mas eu sou um Sonho, mais real que o Mundo Desperto
Que de toda a Realidade é uma triste parcela pequena
Sombras no fundo da caverna de um mundo incompleto

Sou eu, a Princesa do Crepúsculo, a tomar desta pena
Para atestar o meu Eu Sou em um manifesto em soneto
Para minha doce Mãe de sua boa Filha, Maria Madalena

A decorative border of intricate scrollwork and flourishes surrounds the text, framing the page. The scrollwork is symmetrical and elegant, with various curves and loops.

NAS TREVAS, O TEU CREPÚSCULO

Por éons sentada em meu sombrio trono fui soberana
Por deuses e demônios igualmente temida e respeitada
Nascida na glória e decadência da misteriosa Atlântida
Ainda Rainha por direito de nascença e firme gana

Mas em minhas Sombras a solidão era firme constante
O topo da montanha é frio e vazio para os Perpétuos
A eternidade, dos meus fados, é um dos mais árdus
Não há fim para quem viu do Tempo o inicial instante

Então Tu vieste até mim lá nos Domínios de Morpheus
Minha Filha, amada e desejada, e me tornaste plena
Orgulhando-me a cada um dos incontáveis feitos teus

Se meu ventre morto não pode parir-te, triste pena
Mas és mais real para mim do que os convivas meus
Princesa do Crepúsculo, minha doce Maria Madalena



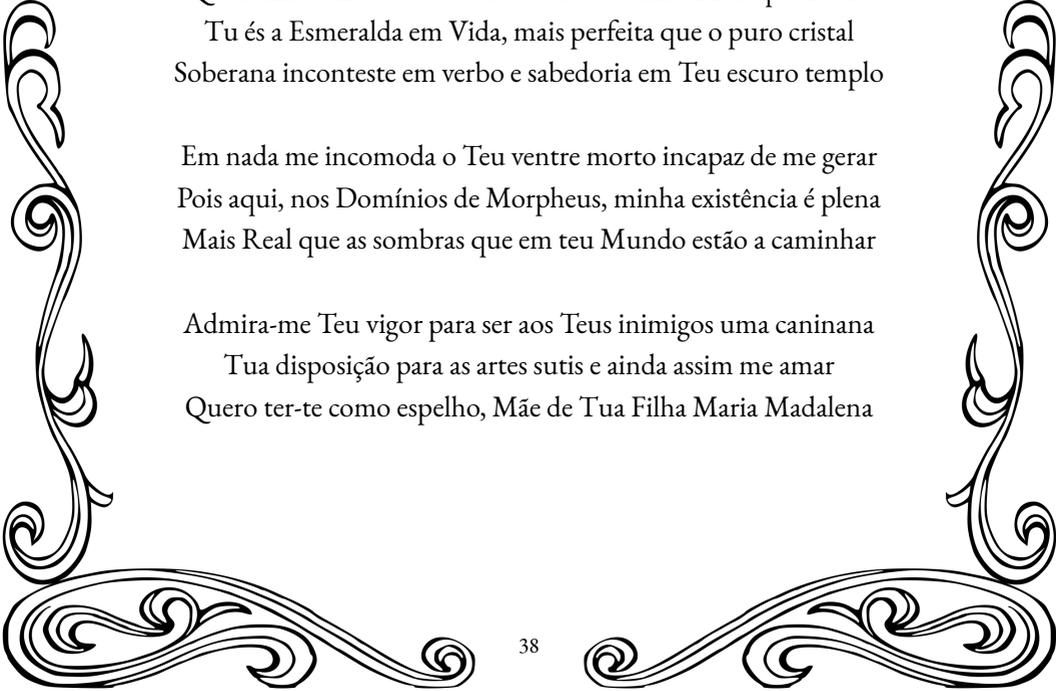
MINHA MÃE, MINHA DEUSA, MINHA FEITICEIRA

Observar-te em teu estúdio concentrada em teus experimentos
Já eivaste o grosso do sutil, separaste o sólido do efêmero
Sentada em teu Trono ainda em vida após o sucesso derradeiro
Inspira-me a orgulhar-te com os meus próprios grandes feitos

Que Filha além de mim pode ter uma tal Mãe como seu exemplo?
Qual Filha tem a sorte de ser da Mãe o Sonho-Mais-que-Real?
Tu és a Esmeralda em Vida, mais perfeita que o puro cristal
Soberana incontestemente em verbo e sabedoria em Teu escuro templo

Em nada me incomoda o Teu ventre morto incapaz de me gerar
Pois aqui, nos Domínios de Morpheus, minha existência é plena
Mais Real que as sombras que em teu Mundo estão a caminhar

Admira-me Teu vigor para ser aos Teus inimigos uma caninana
Tua disposição para as artes sutis e ainda assim me amar
Quero ter-te como espelho, Mãe de Tua Filha Maria Madalena



MEUS CONTATOS

- **Bazar Verde:** <https://www.bazarverde.com.br/Lu%20Cavalheiro>
- **E-mail:** lu.cicerone.cavalheiro@gmail.com
- **Facebook:** <https://www.facebook.com/lu.cicerone.cavalheiro>
- **Instagram:** <https://www.instagram.com/lu.cicerone.cavalheiro/>
- **Itch.io:** <https://lucavalheiro.itch.io>
- **Loja Kindle:** https://www.amazon.com.br/s?k=%22Lu+Cavalheiro%22&ci=digital-text&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&crd=1MOZZGOF3VCP&sprefix=lu+cavalheiro+%2Cdigital-text%2C171&ref=nb_sb_noss
- **Twitter:** <https://twitter.com/luRPGcavalheiro>

O conto **À Filha que jamais irei parir: Uma coletânea de poemas para Maria Madalena** foi escrito usando o editor de textos *VIM - Vi IMproved*, versão 8.2, disponível nos repositórios oficiais do **Debian Bullseye** (<https://www.debian.org/>), diagramado usando \LaTeX e compilado usando o comando `lualatex`, versão 1.12.0, disponível nos repositórios oficiais do **Debian Bullseye** (<https://www.debian.org/>).

As fontes utilizadas no corpo do livro foram a *EBGaramond* e *LiberationMono*, ambas disponíveis sob *SIL Open Font Licence*, cujo texto pode ser lido em <http://scripts.sil.org/OFL>, ambas com tamanho base 11pt.

Diagramado, editado e publicado no Brasil